



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**

**JORNALISMO**

**ISABELA CAMPOS FRANCO**

**IMPrensa NO ALVO:  
VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS NO BRASIL**

**GOIÂNIA**

**2023**

Isabela Campos Franco

**IMPrensa NO ALVO:**  
**VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

**Orientadora:** Prof. Me. Denize Daudt Bandeira

**GOIÂNIA**

**2023**

**ISABELA CAMPOS FRANCO**

**IMPrensa NO ALVO:**

**VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

**Goiânia, quatro de dezembro de dois mil e vinte e três**

**Banca Examinadora**

Ma. Maria Carolina Giliolli Goos

Avaliador (a) - Docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

Ass.: \_\_\_\_\_

Ma. Sabrina Moreira de Moraes Oliveira

Avaliador (a) - Docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

Ass.: \_\_\_\_\_

Ma. Denize Daudt Bandeira

Docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

Professor Orientador – Presidente da Banca Examinadora

Ass.: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente à minha mãe, Gilvane, cujo amor e apoio incondicionais foram a base de tudo. Sua força e sabedoria me guiaram por esta jornada.

Ao meu namorado, Régis, obrigada por estar sempre ao meu lado, oferecendo conforto, risadas e momentos preciosos de descontração. Seu apoio foi essencial para manter meu equilíbrio e foco.

Aos meus amigos e familiares, cada um de vocês contribuiu de maneira única para esta conquista. Seja com palavras de incentivo, conselhos ou simplesmente ouvindo, vocês foram incríveis.

Um agradecimento especial à minha orientadora, professora Denize Daudt Bandeira, por sua dedicação, paciência e cuidado. Sua orientação foi fundamental para o desenvolvimento e sucesso deste trabalho.

Meu sincero agradecimento ao jornalista Nilson Ribeiro Filho pela edição primorosa do podcast Imprensa no alvo: violência contra jornalistas no Brasil. Sua habilidade técnica foi crucial para dar vida e concluir com êxito esse projeto.

Por fim, expresso minha gratidão às fontes que prontamente participaram do projeto, compartilhando suas experiências e conhecimentos. Vocês foram peças fundamentais para a qualidade e profundidade deste trabalho.

## **RESUMO**

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda a crescente violência contra jornalistas no Brasil, principalmente a promovida por grupos extremistas. No Capítulo I (Revisão de Literatura) são discutidos aspectos históricos do jornalismo no país e sua relação com a cidadania e a democracia. A unidade traz ainda a história, o conceito e o mercado de podcast (mídia sonora), segmento do Projeto Experimental que resultou no podcast Imprensa no alvo: violência contra jornalistas no Brasil. O projeto tem o objetivo de compreender as motivações da violência contra jornalistas no país e seus impactos e desafios no exercício da profissão. A produção discute ainda a atuação dos grupos extremistas e como eles afetam a liberdade de imprensa e a democracia. No Capítulo II (Memorando de Produção) estão descritas as fases de produção do Projeto Experimental.

**Palavras-chaves:** Violência; Jornalistas; Política; Democracia; Podcast.

## **ABSTRACT**

This Course Completion Work (TCC) addresses the growing violence against journalists in Brazil, mainly that promoted by extremist groups. In Chapter I (Literature Review), historical aspects of journalism in the country and its relationship with citizenship and democracy are discussed. The section also presents the history, concept and market of podcasts (sound media). Segment of the Experimental Project that resulted in the podcast Press on target: violence against journalists in Brazil. The project aims to understand the motivations for violence against journalists in the country and its impacts and challenges in the exercise of the profession. The work also discusses the actions of extremist groups and how they affect press freedom and democracy. Chapter II (Production Memorandum) describes the production phases of the Experimental Project.

**Keywords:** Violence; Journalists; Policy; Democracy; Podcast.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

**Figura 1** - Violência por região

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>  | <b>9</b>  |
| <b>CAPÍTULO I</b>  | <b>10</b> |
| <b>REVISÃO DE LITERATURA</b>   | <b>10</b> |
| 1.1 História do jornalismo   | 10        |
| 1.2 Jornalismo: democracia e cidadania                                       | 14        |
| 1.3 Violência contra jornalistas   | 16        |
| 1.4 Violência contra jornalistas no Brasil em 2022                           | 20        |
| 1.5 História do podcast e consumo no Brasil                                  | 23        |
| 1.6 Produção de podcast  | 27        |
| <b>CAPÍTULO II</b>   | <b>30</b> |
| <b>MEMORANDO DE PRODUÇÃO</b>   | <b>30</b> |
| 2.1 Justificativa da temática abordada no trabalho                           | 30        |
| 2.2 Referencial teórico e definição da temática - fevereiro a setembro       | 30        |
| 2.3 Elaboração das pautas e realização das entrevistas - setembro a novembro | 31        |
| 2.4 Elaboração do roteiro - novembro   | 31        |
| 2.5 Gravação e edição - novembro   | 32        |
| 2.6 Lista de entrevistados   | 32        |
| <b>CONCLUSÃO</b>   | <b>34</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>  | <b>35</b> |
| <b>APÊNDICE A - PAUTAS</b>   | <b>38</b> |
| <b>APÊNDICE B - ROTEIRO</b>  | <b>53</b> |



## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - constituído de uma discussão teórica e um produto jornalístico - aborda a violência contra jornalistas no Brasil, perpetrada principalmente por grupos extremistas. Este fenômeno, que tem ganhado destaque nos últimos anos, coloca em risco não apenas os profissionais da comunicação, mas também os pilares da democracia e da liberdade de imprensa. O trabalho se propõe ainda a discutir a dinâmica desses ataques, as suas motivações e seu impacto no exercício da profissão e na sociedade brasileira. A escolha deste tema se deve à importância do debate na compreensão dos desafios enfrentados pelos jornalistas em um cenário de crescente hostilidade e polarização política e dos reflexos desse contexto a médio e longo prazo.

O projeto prático deste TCC (Projeto Experimental), que está centrado na análise da natureza e das consequências dos ataques de grupos extremistas contra jornalistas no Brasil, discute também a relação da comunicação com os processos democráticos, o papel da internet no aumento da violência e as consequências de uma ampla campanha de desvalorização e desmoralização do jornalismo na propagação de desinformação. Conjectura que impactou de forma significativa o país durante a pandemia da Covid-19. Busca-se entender as razões pelas quais os jornalistas se tornaram alvo desses grupos, como esses ataques afetam a produção e distribuição de informações, e quais são as implicações desse cenário para a liberdade de imprensa e para a democracia do país.

A investigação procura ainda identificar os padrões desses ataques, explorar as narrativas construídas em torno da violência e entender como ela afeta a percepção pública sobre a imprensa e seus profissionais. Buscou-se compreender também os dilemas e desafios enfrentados pelos jornalistas no exercício da profissão. Dentre os objetivos específicos estão o de colocar em discussão a atuação dos grupos extremistas no Brasil, a cobertura midiática dos casos de violência e as medidas de proteção aos jornalistas.

Em um primeiro momento, fez-se uso de análise documental (pesquisa bibliográfica), que resultou no Capítulo I do TCC. Para a produção do projeto prático, que culminou no podcast *Imprensa no alvo: violência contra jornalistas no Brasil*, foram realizadas entrevistas com jornalistas que atuam na imprensa do Estado de Goiás, com a presidente da Federação Nacional dos Jornalistas e com a ex-presidente da Fenaj, responsável pelo [relatório da entidade sobre violência contra jornalistas no Brasil publicado em 2022](#). A escolha do podcast como segmento desse trabalho se justifica pela sua acessibilidade, baixo custo de produção e alcance.

## CAPÍTULO I

### REVISÃO DE LITERATURA

#### 1.1 História do jornalismo

No século XIX, a evolução da atividade jornalística, tal como a conhecemos hoje, foi moldada por dois processos cruciais: a industrialização da produção e a profissionalização dos trabalhadores de jornais (Traquina, 2005). Nesse período, as publicações passaram de armas políticas a negócios lucrativos. Em vez de propagar opiniões, os jornais começaram a oferecer notícias como produtos, baseados em fatos. Nesse contexto, emergem valores como independência, compromisso com a verdade, objetividade e o conceito de serviço público.

Essa mudança, - especialmente influente na cultura anglo-americana -, levou à separação entre fatos e opiniões, resultando em uma indústria de notícias orientada pelo lucro. O exemplo desse novo jornalismo do século XIX nos Estados Unidos foi o *Penny Press*. A ideia foi reduzir o preço para um centavo, tornando os jornais mais acessíveis e ampliando o público leitor.

Período caracterizado por uma convergência de fatores, incluindo mudanças econômicas, avanços tecnológicos, urbanização, educação e a consolidação de sistemas políticos baseados na liberdade e na democracia (Traquina, 2005). Um marco dessa transformação foi o desenvolvimento dos ideais de liberdade de imprensa e da própria democracia. Essa nova forma de produzir e consumir jornais, priorizando informações em detrimento de opiniões, foi inseparável da disseminação de ideias liberais e democráticas no século XIX, particularmente na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Segundo Traquina (2005), a liberdade desempenhou um papel vital no crescimento de um campo jornalístico autônomo e credível, já que a expansão da imprensa estava ligada à urgência de garantir direitos fundamentais. Os defensores dessas opiniões impulsionaram as revoluções americana e francesa, ocorridas entre 1776 e 1789, afirmando que a liberdade de imprensa era essencial para o funcionamento de um estado democrático.

A conquista da liberdade de imprensa e a ênfase na objetividade contribuíram para legitimar a imprensa como o "Quarto Poder", atuando de forma imparcial e vigilante em relação aos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. A influência do estilo jornalístico americano durante o século XIX é destacada por pesquisadores da área. Chalaby (2003), ao comparar o

jornalismo anglo-americano<sup>1</sup> com o francês, por exemplo, conclui que o jornalismo moderno, especialmente a variante americana, teve origem na inovação anglo-americana.

Os jornais americanos, com mais notícias e serviços organizados de coleta de informações, introduziram práticas discursivas como entrevistas e reportagens. A transformação no jornalismo de língua inglesa se baseou em um discurso centrado em fatos, diferente do jornalismo francês, caracterizado por opiniões e literatura. O pioneirismo anglo-americano no novo jornalismo foi resultado de fatores culturais, políticos, econômicos e linguísticos, estabelecendo-o como o berço da imprensa informativa moderna.

No contexto brasileiro, até o início do século XX, predominou o jornalismo de estilo francês. A imprensa nacional estava estreitamente ligada à literatura e à política, e jornais desse período ofereciam espaço para aspirantes a escritores, devido à ausência de um mercado editorial estabelecido. O jornalismo do século XX valorizava gêneros opinativos como crônicas e artigos polêmicos, e estava profundamente associado à política, frequentemente se transformando em palco de debates entre grupos rivais.

A situação começou a mudar após os anos 1950. A diferença em relação aos jornais do século XIX é notável. Conforme Medina (1988), até os anos 1920, a imprensa no Brasil era precária, com layout simples, colunas alinhadas, títulos curtos e conteúdo retórico. A transição do jornal político-literário para o jornalismo noticioso ou empresarial acompanhou o processo de urbanização e a industrialização (Medina, 1988).

Essa transformação ficou mais marcante na década de 1950. A industrialização e urbanização, que iniciaram nos anos 1930 e ganharam força no período posterior à Segunda Guerra Mundial, combinadas com liberdade política e democracia, promoveram, segundo Bahia, o desenvolvimento da Indústria Cultural<sup>2</sup>. A era JK, referente ao governo do ex-presidente Juscelino Kubitschek (1956 a 1961), impulsionou vários setores, refletindo em uma renovação tanto na imprensa quanto em outros campos (Bahia, 2009).

---

<sup>1</sup> "Anglo-americano": refere-se ao estilo de jornalismo que emergiu predominantemente nos países de língua inglesa, particularmente nos Estados Unidos e no Reino Unido. Este estilo é caracterizado por uma ênfase na liberdade de imprensa, objetividade e um papel de vigilância sobre os poderes governamentais. A inovação anglo-americana no jornalismo, conforme descrito por Chalaby (2003), destaca-se pela sua contribuição significativa ao desenvolvimento do jornalismo moderno, influenciando práticas jornalísticas em diversas partes do mundo.

<sup>2</sup> "Indústria Cultural": termo cunhado pelos teóricos da Escola de Frankfurt, especialmente Adorno e Horkheimer, para descrever os processos pelos quais a arte e a cultura são produzidas e comercializadas em massa na sociedade moderna. Refere-se a como produtos culturais, como filmes, música, literatura e até mesmo notícias, são produzidos de maneira industrial, muitas vezes com o objetivo de maximizar lucros e influenciar a opinião pública.

A chamada "grande reforma gráfica e editorial" no Brasil ocorreu nesse mesmo período. Jornais como Diário Carioca, Última Hora e Jornal do Brasil lideraram essa modernização, introduzindo mudanças significativas na forma e no conteúdo. Novos conceitos jornalísticos foram incorporados, inspirados no modelo norte-americano, incluindo o uso do *lead*<sup>3</sup> e da pirâmide invertida<sup>4</sup> para organizar notícias de forma objetiva. Essas mudanças foram consolidadas em manuais de redação e estilo, dando aos jornais um aspecto mais moderno, tanto visualmente quanto em conteúdo (Bahia, 2009). Além disso, houve a adoção de padrões gráficos inovadores e aquisição de equipamentos modernos.

Porém, a modernização da imprensa no Brasil tomou um caminho diferente do que ocorreu nos países desenvolvidos, nos quais urbanização, avanço na escolarização e tecnologia foram os pilares para a racionalização da produção jornalística. No Brasil, essa modernização foi impulsionada principalmente por fatores políticos, com inovações aplicadas em prol das disputas políticas (Ribeiro, 2003). Assim, o financiamento da modernização da imprensa estava fortemente ligado a relações pessoais, interesses e clientelismo.

A independência da esfera política só começou a se manifestar de maneira tímida após o desenvolvimento industrial da imprensa, com a ascensão da publicidade e do sistema financeiro. No entanto, isso não foi suficiente para desvincular completamente os jornais do âmbito político. Em relação à literatura, a adoção de técnicas de redação e o ideal de objetividade contribuíram para a formação de uma comunidade discursiva própria (Ribeiro, 2003). Mesmo assim, a prática de transitar entre jornalismo e literatura persistiu entre jornalistas renomados como Carlos Heitor Cony, Zuenir Ventura e Alberto Dines.

Esses profissionais são considerados protagonistas na história do jornalismo brasileiro. Suas entrevistas e registros autobiográficos frequentemente abordam a modernização e profissionalização iniciadas nos anos 1950. Segundo Barbosa (2007), essas autorreferências contribuem para a construção da mitologia da modernização. Tais representações estão inseridas nas lutas por reconhecimento profissional.

Ao considerar a transformação dos anos 1950 em uma narrativa histórica, emerge um padrão discursivo que caracteriza aquele período como notável para a profissão, como relata

---

<sup>3</sup> "Lead": O lead é um conceito jornalístico originário dos Estados Unidos, referindo-se à introdução de uma notícia. Em geral, consiste em um ou dois parágrafos iniciais que resumem os pontos mais importantes da matéria, como quem, o que, quando, onde, por quê e como. O objetivo do lead é capturar a atenção do leitor e fornecer as informações cruciais de forma rápida e concisa, incentivando a leitura do restante do artigo.

<sup>4</sup> "Pirâmide Invertida": É uma técnica de estruturação de notícias também desenvolvida no jornalismo norte-americano. Neste modelo, as informações mais importantes e relevantes são apresentadas no início do texto (no lead), seguidas por detalhes e informações de menor importância. Essa estrutura permite ao leitor entender os aspectos essenciais da notícia rapidamente e continuar a leitura para obter mais detalhes, se desejado.

Barbosa (2007). Conseqüentemente, a construção da história se baseou nos testemunhos de vários jornalistas (Alberto Dines, Pompeu de Souza, Luís Paulistano) que estiveram envolvidos em transformações em jornais como: Diário Carioca, Tribuna da Imprensa e Jornal do Brasil.

A partir da delimitação de uma história profissional, a comunidade jornalística passou a compartilhar um conjunto de convicções e interpretações sobre a profissão. Os anos 1950 se revelam como um ponto de inflexão significativo, mesmo que naquela época a busca por objetividade e neutralidade não fosse prioritária, uma vez que o jornalismo ainda era usado como instrumento nas contendas políticas. Dessa forma, no cenário brasileiro, a evolução profissional do jornalismo está estreitamente entrelaçada com a narrativa que sustenta a própria profissão, especialmente em contextos de censura à liberdade de imprensa, como destacado por Barbosa (2007).

O autor reforça ainda que:

A rigor, o que possibilita o desenvolvimento profissional do jornalismo no país é a idealização do papel como único intermediário entre o público e o poder público, construindo-se simbolicamente como elo de ligação indispensável entre a fala de um público, sem voz, e a sociedade política. Com isso, transforma-se numa instância privilegiada de poder real e simbólico. Além disso, construindo textos que apelam a valores emocionais e ao cotidiano dos grupos populares, a imprensa, a partir do início do século XX, faz das sensações arma fundamental para alcançar o gosto do público. Ficcional e real se mesclam em textos que constroem uma narrativa próxima dos regimes de ficcionalidade, mas que falam de um real presumido. Observa-se, pois, que, no país, profissionalização não quis dizer autonomização do campo literário e nem político (Barbosa, 2007, p. 163).

No Brasil a profissionalização dos jornalistas foi fortemente influenciada pelo Estado e pelas esferas políticas, em contraste com muitos países europeus e América do Norte. Enquanto nesses lugares a iniciativa de profissionalização partiu dos próprios profissionais, que estabeleceram entidades de classe, cursos superiores e códigos de ética, no Brasil, a dinâmica foi distinta. O governo desempenhou um papel catalisador no desenvolvimento do corporativismo. Esse contexto se acentuou durante o Estado Novo (1937-1945), com a regulamentação de profissões e exigência de diplomas, não apenas delimitando espaço, mas também influenciando a esfera política (Petrarca, 2010). Esse projeto se estendeu até os anos 1970 e 1980, fortalecido pela ditadura militar (1964-1985).

Em relação ao período autoritário, notamos seus impactos na vida pessoal e profissional dos jornalistas. O golpe de 1964 e o AI-5<sup>5</sup> geraram censura prévia à imprensa e interromperam carreiras em ascensão. Jornalistas foram demitidos, perseguidos ou presos, enquanto outros adotaram a imprensa alternativa<sup>6</sup> para continuarem ativos, enfrentando a repressão. A luta contra a censura se tornou emblemática nos anos 1960 e 1970, refletindo o comprometimento político dos jornalistas.

Os anos 1980 trouxeram mudanças significativas no mercado profissional, com a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão através do Decreto-Lei n. 972 em 1969. As décadas subsequentes viram jornalistas da imprensa alternativa ganharem reconhecimento acadêmico ao serem consultados por pesquisadores interessados em seus trabalhos. No Brasil, a regulamentação, a censura e a luta política entrelaçam-se na construção da identidade e do papel dos jornalistas ao longo do século XX.

## **1.2 Jornalismo: democracia e cidadania**

A democracia necessita de um mecanismo que permita o tráfego e o debate de informações, uma perspectiva enfatizada por Strömbäck (2005) e também reconhecida por Busquets (2019). Esse entendimento aponta para um acordo tácito entre mídia, jornalismo e a própria democracia. Em outras palavras, a mídia e o jornalismo são dependentes da democracia, visto que ela é a única estrutura de governo que honra as liberdades de informação, expressão, imprensa e a existência de uma mídia independente. Conforme Strömbäck (2005, p. 332, tradução da autora) expressa, quando tais liberdades são honradas, "a democracia satisfaz sua parte do acordo social com a mídia e o jornalismo."

Strömbäck (2005) argumenta que mídia e jornalismo cumprem sua parte desse contrato social ao fornecer informações vitais para a autonomia dos cidadãos, oferecer ao governo dados

---

<sup>5</sup> O Golpe de 1964 no Brasil resultou na derrubada do governo democrático e na instauração de um regime militar que durou até 1985. Este período foi marcado por severas restrições às liberdades civis e violações aos direitos humanos. O Ato Institucional Número 5 (AI-5), implementado em 1968, foi um dos decretos mais repressivos do período. Este Ato conferiu ao Presidente da República poderes extraordinários, incluindo a capacidade de fechar o Congresso Nacional, intervir nos estados e municípios, e suspender os direitos políticos de qualquer cidadão. O AI-5 também deu permissão para censura prévia aos meios de comunicação e artes, bem como sancionou a tortura, o exílio e até a morte de dissidentes políticos. O impacto deste Ato reverberou de forma significativa na sociedade brasileira, afetando não apenas a política, mas também a cultura, a educação e a liberdade de expressão.

<sup>6</sup> "Imprensa Alternativa": Refere-se a uma forma de jornalismo que surgiu como reação à censura e às limitações impostas pela ditadura militar no Brasil (1964-1985). A imprensa alternativa era caracterizada pelo seu caráter independente e muitas vezes clandestino, buscando contornar as restrições governamentais para reportar sobre questões políticas, sociais e culturais. Esses veículos incluíam jornais, revistas e outros formatos de mídia, que se tornaram importantes para a disseminação de ideias contrárias ao regime e para a manutenção do debate público em um período de repressão e censura.

essenciais para a tomada de decisões de interesse coletivo e atuar como guardiões contra o abuso de poder. Segundo o autor, é evidente que "o jornalismo depende da democracia para sua liberdade e independência e, reciprocamente, a democracia depende do jornalismo para a circulação de informações, debates públicos sobre assuntos políticos e como um vigilante contra o abuso de poder" (Strömbäck, 2005, p. 332, tradução da autora).

Busquets (2019) relaciona essa noção ao crescimento da cultura das notícias com o surgimento das sociedades democráticas. Ela diz que: "Se a democracia é, como Abraham Lincoln descreveu, 'o governo do povo, pelo povo, para o povo', então, o jornalismo, idealmente, é nutrido pela mesma tendência pluralista" (Busquets, 2019, p. 74, tradução da autora). A crença comum de que sem jornalismo livre, não há democracia é reforçada por uma citação de James Carey (1999 *apud* Busquets, 2019, p. 74, tradução da autora): "Sem jornalismo não há democracia, mas sem democracia tampouco há jornalismo." Portanto, é imprescindível refletir sobre como o jornalismo contribui para a democracia, algo que McNair (2009 *apud* Busquets, 2019, p. 75, tradução da autora) sintetiza ao descrever o papel que o jornalismo desempenha em contextos democráticos.

- i. O jornalismo tem sido fonte de informação para a democracia deliberativa, na medida em que o sucesso da democracia reside na existência de informação de qualidade, confiável e precisa para o cidadão. Desde uma perspectiva normativa, o ideal democrático é o da tomada de decisões informadas, portanto o trabalho do jornalismo é uma contribuição fundamental para a marca da democracia.
- ii. O jornalismo tem sido um 'cão de guarda' em seu papel de monitorar e escrutínio crítico daqueles que detêm o poder nos governos, nos negócios e outras esferas influentes da sociedade. Esta função foi realizada em representação da cidadania.
- iii. O jornalismo tem sido um mediador entre os políticos e os cidadãos como instância que garante que a voz destes últimos seja ouvida. Por sua vez, tem incentivado o acesso direto das pessoas à esfera pública.
- iv. O jornalismo tem sido ator participante e defensor de determinadas posições no debate público, buscando influenciar as pessoas em relação a um certo ponto de vista.

A relação entre democracia e jornalismo é complexa e Busquets (2019) destaca que a legitimidade dos profissionais de comunicação, construída através do seu compromisso de servir ao público na democracia, tem sido questionada. Isso se deve ao entendimento variável do que constitui a democracia, o que, por sua vez, influencia as expectativas sobre o jornalismo. Como Busquets (2019, p. 77, tradução da autora) explica, essas diferentes concepções implicam em diversas respostas sobre "os papéis do jornalismo, sua interação na sociedade e a informação que deve fornecer aos cidadãos."

Para Gentilli (2005), a democracia é caracterizada como a "sociedade de cidadãos" e como o "domínio do poder visível", seguindo a visão de Bobbio (2000). Essa perspectiva implica a demanda de transparência nos assuntos públicos, e, assim, a necessidade de que os cidadãos tenham acesso às informações públicas para exercer plenamente seus direitos civis. De acordo com Gentilli (2005, p.129-30), a questão pode ser entendida de duas maneiras: I. O acesso à informação deve ser um direito universal; II. Deve fornecer informações suficientes e de qualidade para o julgamento mais preciso por cada indivíduo. O autor vê o acesso à informação como um "direito-meio", que facilita o acesso a outros direitos, auxiliando os cidadãos a fazerem escolhas informadas.

Jornalismo, para ele, é vital na era contemporânea, sendo uma ferramenta que viabiliza o direito à informação. Os jornalistas e os jornais atuam como mediadores e representantes da audiência. Mesmo sendo entidades privadas, os jornais cumprem uma função pública de servir aos direitos à informação, tendo uma responsabilidade perante a sociedade. A informação necessária deve ser fornecida pelo Estado se não estiver disponível de outras formas.

A cidadania está, assim, ligada ao próprio direito à informação, refletindo-se em questões como acesso aos meios e inclusão digital. Como observado por Martins (2006), deve-se diferenciar: a) o direito de saber; b) a necessidade de saber; c) o desejo de saber. Os dois primeiros se relacionam com o interesse público, enquanto o último se refere ao "interesse do público". O direito de saber está associado à transparência dos atos do governo e inclui a divulgação de informações sobre saúde pública e outros aspectos vitais. A necessidade de saber abrange informações de utilidade pública, como meteorologia e dados do mercado. Por fim, o desejo de saber engloba informações sobre entretenimento e temas espetaculares, que muitas vezes são criticados por banalizar assuntos de interesse público.

### **1.3 Violência contra jornalistas**

O avanço das tecnologias de informação se relaciona diretamente com um aumento nos ataques contra o trabalho jornalístico e a liberdade de expressão. Conforme ressalta Blotta (2016, p. 9), "a expansão e diversificação das tecnologias de produção e disseminação de informações nas últimas décadas é acompanhada de uma diversificação e intensificação das formas de violência contra a atividade jornalística e a manifestação do pensamento".

Segundo o autor, possivelmente estamos vivenciando um dos períodos mais críticos para a liberdade de expressão, especialmente em nações com democracias não plenamente estabelecidas. Nesse cenário de agressões, três vertentes de direitos são prejudicadas, conforme



Blotta (2016, p. 11) detalha: "os direitos individuais e de livre exercício da profissão dos jornalistas, os direitos de visibilidade daqueles cujas informações os jornalistas buscam evidenciar, e o direito à informação dos leitores e pessoas interessadas nos fatos a serem noticiados".

Dessa forma, tanto os direitos dos cidadãos quanto dos profissionais de imprensa ficam comprometidos. Os jornalistas, em particular, navegam por um mar de desafios em suas atividades cotidianas. Eles interagem constantemente com diversos grupos, sejam eles colegas de trabalho, fontes, público ou outros agentes da sociedade. Nesse sentido, Jung (2017, p. 20) destaca que "os jornalistas passam por constrangimentos de toda ordem". Benetti (2013, p. 51) também chama a atenção para o fato de que "além dos constrangimentos econômicos, políticos, editoriais, hierárquicos e temporais, o jornalista também lida com seus próprios valores e com os valores das fontes e dos leitores". Portanto, essas restrições "ocorrem em diferentes esferas que buscam por espaço em meio à construção de sentidos. O jornalismo articula saberes que são atravessados por diferentes discursos" (Jung, 2017, p. 20).

"Na área da comunicação e jornalismo investigativo, o tema da violência contra jornalistas ainda é pouco explorado como objeto de estudo" (Busquets, 2019, p. 123, tradução da autora). A observação de Busquets (2019) dá um vislumbre da complexidade inerente à análise conceitual de violência. Embora a violência seja uma realidade diária para muitos e permeia diversos canais de comunicação, ainda não há um acordo claro sobre como categorizá-la ou diferenciar seus tipos, um paradoxo que Bernstein (2015) já abordou quando discutiu a ambiguidade na compreensão do termo.

Segundo Ray (2011), a violência é um tema multifacetado e desafiador de ser plenamente definido. Stanko, cujas ideias são destacadas por Ray, descreve o termo como "qualquer forma de comportamento de um indivíduo que intencionalmente ameaça ou causa danos físicos, sexuais ou psicológicos a outros ou a si próprio" (Ray, 2011, p. 7, tradução da autora). Da mesma forma, Busquets (2019, p. 124) enfatiza que "definir o conceito de violência de maneira universal e exaustiva é um desafio significativo, pois não há princípios ou critérios gerais que indiquem quando a violência é justificável".

Porto (2002, p. 153) argumenta que a complexidade em definir a violência se origina do fato de ela ser "mais um fenômeno observável do que um conceito teórico estruturado". Segundo a pesquisadora, embora o termo seja comumente usado no dia a dia, é crucial enquadrá-lo como um objeto de estudo teórico no campo científico. Assim, qualquer análise da violência deve abranger múltiplas facetas da vida social, considerando a polissemia e as

diversas interpretações que o conceito permite. Na pesquisa de Porto (2015) são apontadas particularidades da violência no cenário brasileiro:

O fato de, até há pouco tempo, a violência não ter sido nomeada como tal: manifestações violentas eram assumidas como formas rotineiras de regulamentação das relações sociais; eram, além do mais, consideradas, algumas delas, como fenômenos de caráter privado, não sujeitas ao controle público, a exemplo de manifestações de violência ocorridas no âmbito doméstico. Contexto que retardou, por assim dizer, a possibilidade de inserir a violência no rol das categorias explicativas da realidade: o fenômeno não estava todavia construído como objeto de investigação; a sociedade não se espelhava a partir de categorias como a violência; a violência não era nomeada como tal, dificultando sua constituição como objeto sociológico (Porto, 2015, p. 26).

Ainda segundo Porto (2002, p. 153), a abordagem sobre violência não pode ser reduzida a um único tipo, pois "estamos confrontados com manifestações plurais de violência, cujas raízes e efeitos, igualmente múltiplos, apontam a existência de tipos diferenciados de violência". A pesquisadora ressalta ainda a importância de olhar para outras formas de violência, não apenas as físicas. No seu entendimento, a "violência simbólica ou doce" também deve ser levada em conta, pois "a subjetividade que caracteriza as dimensões da moral ou do simbólico não elimina o caráter de constrangimento dos atos agressivos ao indivíduo, mesmo na ausência de danos físicos" (Porto, 2010, p. 106). Em outras palavras, a violência simbólica frequentemente acompanha a violência física e, raramente, atos de constrangimento ocorrem sem consequências físicas. Baseando-se nas ideias originalmente formuladas por Bourdieu (1992), a autora sugere que,

a violência aberta seria a violência física, que deixa marcas, traços, feridas (uma mutilação, assassinato, estupro), ou econômica (a exploração do trabalho sem a remuneração condizente), ao passo que a violência doce, ou violência branda, é aquela invisível, sem marcas físicas, sem feridas, que atinge os sentimentos morais, não sendo, pois, reconhecida como violência (Porto, 2010, p. 106).

É importante notar que, mesmo com essa categorização, o conceito permanece repleto de ambiguidades e complexidades. Conforme Paviani (2016) observa, as manifestações de violência são tão variadas que é complicado listá-las de forma abrangente. O autor destaca que, embora diversas vozes, particularmente na mídia, proponham soluções para combatê-la, a violência continua a se manifestar de novas maneiras, tornando impossível erradicá-la completamente.

Esse fenômeno não é algo novo no ambiente jornalístico. Fernando Jorge, em seu livro "Cale a boca, jornalista! O ódio e a fúria dos mandões contra a imprensa brasileira", traz relatos

de abusos enfrentados por jornalistas desde a época monárquica, agravando-se notavelmente durante o período da ditadura militar no país. O livro documenta desde agressões e torturas até mortes de profissionais da imprensa. Segundo o autor, essa aversão à imprensa é antiga e colide diretamente com os avanços de uma sociedade democrática. O escritor ainda aponta que essa hostilidade é fruto do autoritarismo e do despotismo dos que detêm o poder, além da intolerância e mentalidade retrógrada de alguns indivíduos.

Conforme a obra destaca, a hostilidade contra a imprensa é frequentemente uma resposta das forças conservadoras. Fernando Jorge sublinha que "os mandões sempre puderam recorrer à brutalidade, utilizando métodos como censura, violência física e intimidação" (Jorge, 2008, p. 89). Além disso, o autor cita o general Hugo Abreu em seu livro "Tempos de Crise": "Não haverá democracia enquanto não tivermos uma imprensa livre. A imprensa sempre foi o maior pesadelo para os regimes autoritários e é geralmente uma das primeiras vítimas de censura, intimidação, pressão econômica e corrupção" (Areu *apud* Jorge, 2008, p. 245).

Nesse contexto, Fernando Jorge argumenta que ser um jornalista independente é uma das ocupações mais arriscadas que existem. A razão para isso é que, desde a época do Império no Brasil, os jornalistas sempre correram o risco de enfrentar algum tipo de violência em decorrência do seu trabalho. De acordo com o autor, a razão para tal perigo é bastante simples:

Neste país da injustiça social, de demagogia e da roubalheira, os autocratas, quase sempre, aliaram-se à ignorância e a boçalidade, aos esfolá-caras, aos patudos cujos argumentos são porrete, o bofetão, o sopapo, o rabo-de-arraia, a cabeçada, o punhal, a peixeira, a navalha, o berrante, o trabuco, o fuzilamento (Jorge, 2008, p. 287).

Por esse motivo, fica evidente que os jornalistas desempenham o papel de observadores contemporâneos, pois "contribuem para moldar a perspectiva do presente. Quando um repórter de má fé distorce os fatos, um jornalista comprometido pode corrigir um equívoco histórico" (Jorge, 2008, p. 315). Além disso, é incontestável que a violência direcionada aos jornalistas já era uma questão relevante na época do Império, geralmente instigada por forças conservadoras. Como aponta o autor, os episódios de hostilidade e indignação contra a imprensa brasileira "quase sempre se assemelhavam a manifestações de violência do establishment aristocrático, de um sistema político controlado por uma elite corrupta, ávida por lucro e riqueza, e contrária às liberdades" (Jorge, 2008, p. 288).

#### **1.4 Violência contra jornalistas no Brasil em 2022**

A liberdade de imprensa é uma das bases mais sólidas para qualquer democracia. Sua função é servir como um dos sistemas de freios e contrapesos para governos, instituições e

qualquer outra forma de poder. Nos últimos anos, o Brasil conviveu com um cenário desfavorável para esse equilíbrio. A imprensa foi gravemente assediada por forças políticas e sociais que ameaçam também a integridade e a segurança dos jornalistas. O relatório da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), publicado em 2022, apresenta um quadro assustador sobre o tema.

Um dos aspectos que chama a atenção no documento é o papel do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, para o agravamento da situação. O político foi um dos principais instigadores de ataques à imprensa e seus trabalhadores nos últimos anos. O objetivo desses ataques é duplo. Primeiro, busca-se desacreditar jornalistas e instituições de mídia, corroendo assim a confiança pública, que é vital para a sobrevivência de uma imprensa livre e independente. Em segundo lugar, esses ataques colocam os jornalistas em posições vulneráveis, sujeitos a ameaças, agressões e até mesmo assassinatos.

Mas o relatório da Fenaj também destaca outra faceta preocupante: o crescimento alarmante de agressões por parte de apoiadores do ex-presidente Bolsonaro. Com um aumento de 300% em comparação com o ano anterior, essa estatística sugere que a retórica hostil do governo está inflamando as paixões de uma forma que transcende as palavras e se manifesta em violência física e emocional. Tal cenário é preocupante, não apenas para os jornalistas, mas também para a democracia brasileira e para a sociedade como um todo.

A história do jornalista Dominic Mark Phillips na Amazônia é, talvez, um dos exemplos mais dramáticos desse quadro sombrio. O jornalista britânico, que trabalhou para os jornais *Washington Post*, *The New York Times* e *Financial Times*, e que morava no Brasil desde 2007, foi morto enquanto denunciava, juntamente com o indigenista Bruno Pereira, também assassinado, questões ambientais. A tragédia lançou um holofote internacional sobre o estado precário da liberdade de imprensa no Brasil. Infelizmente, esse não é um problema que atinge apenas o país, é um problema global. É importante destacar que quando jornalistas são mortos e perseguidos, o direito à informação é afetado, o que impacta toda a sociedade.

Jornalistas que agora enfrentam uma dupla ameaça: a do mundo físico e a do ambiente online. E as estatísticas são igualmente preocupantes. Na era digital, as plataformas online tornaram-se, muitas vezes, campos de batalha. As redes sociais são erradamente utilizadas para ameaças de morte, *doxxing* (assédio online em que se expõem de forma pública dados pessoais: nome, endereço e/outras informações) e uma miríade de outras formas de assédio. As agressões físicas podem ter aumentado, mas a violência online é igualmente devastadora e tem o potencial de atingir um público ainda maior, amplificando assim o dano à reputação e à segurança

emocional dos jornalistas. A questão se torna ainda mais complexa quando consideramos os jornalistas que pertencem a grupos socialmente vulneráveis.

Jornalistas negros, LGBTQIAPN+ e mulheres enfrentam não apenas os perigos associados à sua profissão, mas também formas adicionais de discriminação e violência. O cenário contribui para uma cultura do medo que amplia as desigualdades sociais e alarga as fissuras dentro do tecido social do país. O aumento de 30% no número de homicídios de jornalistas no ano de 2022 é talvez o dado mais perturbador do relatório da Fenaj. Esse ponto crítico revela uma ousadia crescente dos agressores, em paralelo com uma cultura, muitas vezes, de impunidade. Segundo o relatório (FENAJ, 2022), aqueles que desejam silenciar a imprensa estão cada vez menos preocupados com as repercussões de suas ações.

A solução para o problema não é simples e requer uma resposta multifacetada. Embora relatórios como o da Fenaj sejam fundamentais para trazer o problema à luz, a consciência por si só não é suficiente. É imperativo que a sociedade, - desde os cidadãos comuns até as mais altas esferas do poder -, reconheça a gravidade dessa crise e tome medidas concretas para abordá-la. Isso inclui, mas não se limita, a reformas legislativas, ações judiciais, e, talvez, o mais importante, uma mudança cultural que comece a valorizar e proteger o papel vital que os jornalistas desempenham em uma democracia saudável.

O Centro-Oeste, pelo terceiro ano consecutivo, foi a região com o maior número de casos de violência contra jornalistas. Dos 376 episódios registrados no país, 98 ocorreram nesta região, o que representa 34,03% do total (FENAJ, 2022). Esses dados são ainda mais intrigantes quando se considera que foi a única região em que se registrou uma diminuição da violência contra jornalistas, em grande parte devido à redução dos ataques do então presidente Jair Bolsonaro e das censuras na Empresa Brasil de Comunicação (EBC), aponta o relatório.

No que diz respeito às unidades federativas, o Distrito Federal despontou com o maior número de casos no Centro-Oeste, somando 88 ocorrências. Esse número corresponde a 30,57% dos casos registrados e inclui 52 episódios de censuras na EBC, que compõem 88,14% do total dessa categoria no relatório. O Distrito Federal é o local onde a EBC tem sua direção, e por isso, responsável legal e moralmente pelas medidas de cerceamento ao trabalho dos jornalistas, o que, de certa forma, explica os dados. Essas medidas afetaram jornalistas que trabalham não apenas em Brasília, mas também em São Paulo e no Rio de Janeiro.

O Distrito Federal também registrou a maioria dos casos de agressões verbais e hostilização de jornalistas pelo então presidente Jair Bolsonaro. É preciso enfatizar que Brasília é a sede do poder Executivo e, portanto, palco da maioria das solenidades oficiais. Além disso, era a partir da capital federal que o ex-presidente realizava suas "lives" semanais,

frequentemente permeadas de ataques à imprensa. Mas a questão da violência contra jornalistas não se limita ao Centro-Oeste.

A região Sudeste, que durante anos liderou as estatísticas em casos de violência contra jornalistas, continua em uma posição preocupante. De acordo com o relatório, foram registrados 82 casos de violência na região, representando 28,47% do total dos casos (FENAJ, 2022). Novamente, o estado de São Paulo se destacou como o mais violento da região e o segundo em nível nacional, com 48 casos, o que representa 16,67% do total. O cenário no Sudeste também mostrou um crescimento nos casos de violência no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Em ambos os estados houve um aumento nominal de seis episódios em comparação com o ano anterior. Já o Espírito Santo, - ainda que com um menor volume de casos -, apresentou um incremento nas estatísticas: passou de quatro casos registrados em 2021 para seis em 2022.

Na Região Norte, que historicamente sempre foi considerada menos violenta para os jornalistas, observou-se um aumento de 112,5% no número de casos em comparação com 2021 (FENAJ, 2022). Foram 38 episódios registrados, ultrapassando assim as regiões Nordeste e Sul. O estado do Pará liderou as estatísticas na região, com 21 ocorrências. Amazonas, Rondônia e Roraima também registraram casos, mostrando que a violência contra jornalistas está se espalhando por todo o território nacional.

Nas regiões Sul e Nordeste, o número de episódios de violência contra jornalistas foi idêntico: 35 casos em cada região, representando 12,15% do total registrados (FENAJ, 2022). No Nordeste, a Bahia destacou-se com o maior número de ocorrências, com 14 casos. Piauí, Ceará e outros estados também apresentaram episódios de violência contra jornalistas. Na região Sul, o Paraná liderou as estatísticas pelo quarto ano consecutivo, com 19 casos registrados. Rio Grande do Sul e Santa Catarina também apresentaram números preocupantes.

**Figura 1 - Violência por região**



**Fonte:** Gráfico da Violência contra jornalistas por região (FENAJ, 2022)

Além dos ataques físicos e verbais, é importante mencionar as tentativas de descredibilização da imprensa. Esses ataques, muitas vezes, são realizados com o objetivo de deslegitimar o trabalho jornalístico. Segundo o relatório, essas tentativas não foram divididas por região ou estado, uma vez que são ataques genéricos e generalizados, visando afetar a imprensa como um todo.

Não menos preocupante foram as hostilizações registradas em âmbito internacional. O relatório da Fenaj (2022) destaca um ataque a uma jornalista brasileira em Londres, na Inglaterra, e um caso de descredibilização da imprensa brasileira durante a participação do então presidente Bolsonaro na Assembleia das Nações Unidas (ONU), em Nova York. Esses casos mostram que a questão da violência contra jornalistas transcende fronteiras e se insere em um contexto global de ameaças à liberdade de imprensa.

O fenômeno da violência contra jornalistas no Brasil é multifacetado e não se limita a um estado ou região. Ele está intrinsecamente ligado a um cenário mais amplo de erosão das instituições democráticas e de tentativas de silenciar vozes críticas. Essa realidade fica evidente ao observarmos o relatório da Fenaj (2022) em detalhe. Embora alguns números tenham diminuído em algumas regiões, como o Centro-Oeste, o panorama geral mostra um aumento nos casos de violência contra jornalistas em quase todas as regiões do país.

### **1.5 História do podcast e consumo no Brasil**

Foi um ex-VJ da MTV quem deu início ao *podcasting* de forma comercial, aplicando suas ideias de modo a criar um produto. No início dos anos 2000, Adam Curry se deparou com uma lacuna na indústria das rádios convencionais e buscou, então, possibilitar a transmissão diferenciada para programas de rádio personalizados. Utilizando-se de um *software* de computador para gravação de áudio e um microfone, Adam produzia os seus próprios programas de áudio com cerca de 30 minutos de duração, contendo aberturas, vinhetas, notícias e músicas (Medeiros, 2007). A problemática enfrentada pelo vídeo jôquei na época era, essencialmente, a forma de disponibilização do material.

Quando Adam Curry estava focado em resolver como distribuir áudio pela internet, o mundo online girava em torno de *blogs*, que eram essencialmente diários virtuais com conteúdo escrito. Foi em 7 de outubro de 1994 que Dave Winer lançou o primeiro artigo no seu *blog*, conhecido como *Davenet*, que segue em operação sob o nome de *Scripting News*. Com suas contribuições no desenvolvimento do formato XML, Winer se destacou como um dos pais do

*feed RSS (Really Simple Syndication)*, um sistema que simplifica o acesso a conteúdos na internet de maneira organizada.

Antes do início dos anos 2000, Tristan Louis já propunha o *RSS* como meio para compartilhar áudio (Mack; Ratcliffe, 2007), mas foi Winer quem implementou tal ideia. Ele introduziu a tag “*enclosure*” no *RSS*, atendendo a uma necessidade que vinha crescendo entre os usuários, inclusive Adam Curry. A tag permitia a incorporação de arquivos multimídia ao *feed*, como áudio e vídeo. Dessa maneira, o *software Radio Userland* foi desenvolvido, abrindo caminho para o que se conhecia então como *audioblogging*. Em 12 de agosto de 2004, Winer usou seu próprio sistema para divulgar seu primeiro podcast.

O formato MP3, desenvolvido pelo *Moving Picture Experts Group*, tornou-se um pilar fundamental para o *podcasting*. Lançado em 1992, surgiu paralelamente ao desenvolvimento do DVD e revolucionou a maneira como o áudio era armazenado digitalmente, criando arquivos significativamente menores que o antecessor formato *WAV* (Vicente, 2010, p. 632). Nessa mesma linha de inovação tecnológica, durante a década de 2000, a *Apple* trabalhava no refinamento de seu reprodutor de MP3, o famoso *iPod*.

Adam Curry, em colaboração com o engenheiro de computação Kevin Marks e outros desenvolvedores, aprimorou a ideia de um *software* que automatizasse a busca e o *download* de programas de rádio pela internet, armazenando-os no computador ou diretamente no *iPod*. Marks foi o criador do *AppleScript*, que evoluiu para o *RSStoIPod*, concretizando a visão de Curry (Luiz; Assis, 2010). Dessa evolução nasceu o *Ippoder*, que mais tarde foi rebatizado para *Juice Receiver* devido a questões de direito autoral. Hoje em dia, *softwares* desse tipo são conhecidos como “agregadores”, pois centralizam conteúdos em uma única plataforma, personalizados conforme as preferências do usuário.

Conforme Medeiros (2007, p. 80), a tecnologia do *RSS* facilita a procura automática de arquivos, permitindo uma experiência de consumo de conteúdo personalizada pelo usuário. Foi a combinação do MP3, do *iPod* e dos *softwares* agregadores que pavimentou o caminho para o que chamamos de *podcasting*. O aspecto mais notável do *podcasting* é o seu caráter disruptivo e inovador em relação ao meio radiofônico convencional, dando ao ouvinte total controle sobre o conteúdo e o tempo de audição.

Em setembro de 2003, Dave Winer tornou uma iniciativa pioneira ao configurar um *feed RSS* para o jornalista Christopher Lydon, que compartilhou uma série de entrevistas em áudio com figuras do mundo da tecnologia e política. Essa ação é frequentemente reconhecida como um avanço crucial para o *podcasting*. Apesar de haver debate sobre se essas entrevistas constituem ou não o primeiro podcast, não há dúvidas de que a parceria entre Winer e Lydon



foi significativa. Eles lançaram o *Open Source*, um programa que continua em produção por Lydon e sua equipe em Boston, Estados Unidos.

Lançado em 13 de agosto de 2004, o primeiro episódio do "*Daily Source Code*" de Adam Curry foi uma compilação de suas músicas prediletas e *remixes* de *hits* da época. Curry pode não ter sido o pioneiro absoluto na publicação de podcasts, mas sua influência foi crucial na popularização do formato. Inspirados pelo "*Daily Source Code*", muitos se aventuraram na criação de conteúdos similares, alavancando o desenvolvimento do *podcasting*. Embora seja impossível citar todos que contribuíram para esse movimento, Curry merece destaque. Até 2005, ele já era conhecido como o "*Podfather*", segundo a *Wired*, e havia começado o "*Adam Curry's PodShow*" na *Sirius Satellite Radio*. O diferencial de Curry foi saber capitalizar sobre a crescente onda do *podcasting*, estabelecendo uma empresa para promover seu trabalho e auxiliar novos produtores na exploração desse meio emergente.

Durante o crescimento inicial do *podcasting*, vários programas capturaram a atenção do público. Um exemplo foi o "*The Ricky Gervais Show*", que em dezembro de 2005 marcou a estreia de Ricky Gervais, Stephen Merchant e Karl Pilkington no mundo dos podcasts. Com uma audiência impressionante, alcançando mais de 260 mil *downloads* semanais logo no primeiro mês, o programa foi reconhecido pelo *Guinness World Records*, em 2007, como o mais baixado da história até então. Outro exemplo foi o aclamado "*This American Life*", conduzido por Ira Glass, que sucumbiu à tendência e começou a oferecer seus episódios em formato de podcast a partir de 2006. Dave Slusher e seu "*Evil Genius Chronicles*" também se destacaram, criando um público fiel com seu conteúdo diversificado, abordando temas pessoais, notícias, cultura, tecnologia e muito mais.

A origem do termo "*podcasting*" pode ser rastreada até a combinação de "*iPod*", o popular reprodutor de MP3 da *Apple*, e a palavra "*broadcasting*", que traduz-se como estratégia de difusão de conteúdo. Segundo Ferraretto (2009, p. 548), esta fusão de conceitos foi mencionada pela primeira vez na imprensa pelo "*The Guardian*". Em 12 de fevereiro de 2004, o jornalista Ben Hammersley contemplava os componentes da emergente rádio online – *iPods*, arquivos MP3, e *softwares* de áudio acessíveis – e ponderava sobre a nomenclatura adequada para essa revolução. "Mas o que chamar isso? *Audioblogging*? *Podcasting*? *GuerillaMedia*?", questionava Hammersley. Esse termo, "*podcasting*", se destacou e se consolidou como a escolha predominante para descrever o fenômeno.

A adoção do termo "podcast" pelo *New Oxford American Dictionary* em 2005, e sua eleição como palavra do ano, destacam a rápida ascensão e a relevância cultural do formato. O dicionário captou a essência da tecnologia ao defini-la como um conjunto de arquivos

multimídia disponíveis para *download* e reprodução em dispositivos pessoais. Desde então, a definição de *podcasting* pode ter se expandido e evoluído, considerando as diversas maneiras como o conteúdo é agora criado, distribuído e consumido. O conceito abrange desde programas de áudio altamente produzidos até conversas informais gravadas, demonstrando sua versatilidade e adaptabilidade ao longo do tempo.

Segundo o "*Podcasting Bible*", a definição mais acertada do termo antes da introdução do *podcasting* é:

Um podcast é uma série de programas de áudio (ou vídeo) transmitidos através de um URL estático contendo um feed RSS que automaticamente atualizada uma lista de programas no computador do ouvinte para que as pessoas possam baixar novos programas usando um aplicativo do desktop. Programas podem ser entregues aos ouvintes automaticamente ou quando eles escolhem baixá-los (Mack; Ratcliffe, 2007, p. 28, tradução livre).

O livro de Steve Mack e Mitch Ratcliffe serve como um farol tanto para aspirantes a *podcasters* quanto para entusiastas da mídia que querem mergulhar na história e na evolução do *podcasting*. A definição de Herschmann e Kischinhevsky, que considera o *podcasting* como uma forma de radiodifusão sob demanda, é especialmente interessante porque ressalta uma característica fundamental do meio: a personalização da experiência do ouvinte. Com a Web 2.0, a interatividade e o controle do usuário sobre o conteúdo que consome se tornaram a norma, e o *podcasting* é um reflexo disso, permitindo que as pessoas escolham não apenas o que querem ouvir, mas também quando e como.

A discussão sobre se o *podcasting* pode ser considerado como rádio é multifacetada. Embora compartilhe características com o rádio tradicional, como a natureza serial dos programas e a dependência de conteúdo de áudio, o *podcasting* difere em aspectos-chave, como a interatividade e o foco no consumo sob demanda. A sua história reflete uma virada na maneira como se consome mídia, com um foco crescente no conteúdo *on-demand* e personalizado. A contribuição de Adam Curry ao abrir caminho para o que seria um novo meio de comunicação foi vital, mas o fenômeno do podcast transcende a sua criação, englobando uma evolução contínua e interativa de criar e consumir conteúdo.

O crescimento da mídia é notável, tanto globalmente quanto no Brasil. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE, 2019), 40% dos usuários de internet do país, o que equivale a aproximadamente 48 milhões de indivíduos, tinham, à época, experiência com podcasts. Dentre os internautas, cerca de 19% acompanhavam podcasts com uma frequência de três vezes ou mais dentro de uma semana. 13% do total de ouvintes

acessaram a mídia semanalmente, contra 43% que não tinham o hábito de escutar frequentemente.

Em termos de demografia, a idade média dos ouvintes no país era de 34 anos. A distribuição por faixa etária, ainda conforme os dados do Ibope (2019), era de 33% dos ouvintes entre 35 e 54 anos e 32% entre 25 e 34 anos. Uma pesquisa conduzida pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD, 2019) revelou que a audiência era majoritariamente masculina, 84%. Porém, o engajamento feminino apresentou, naquele período, crescimento, passando de 16% em 2018 para 27% em 2019, sendo que a média de idade desses ouvintes era de 28 anos.

Ainda conforme o Ibope (2019), quando se tratava de hábitos de consumo, era comum que os podcasts fossem acessados enquanto as pessoas estavam engajadas em outras atividades, como durante o trajeto para o trabalho ou enquanto realizavam tarefas domésticas. A preferência (inclinação) era para episódios que não ultrapassassem 15 minutos e que entregassem informações de maneira objetiva.

Uma pesquisa do CupomValido.com.br, com apoio do Statista e Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), realizada em 2022, aponta que 40% dos brasileiros tinham escutado ao menos um podcast no período entre abril de 2021 a abril de 2022. Hoje, o Brasil ocupa o terceiro lugar entre os países do mundo que mais consomem a mídia. O país soma mais de 30 milhões de ouvintes, ficando atrás apenas da Suécia e da Irlanda, segundo dados da mesma pesquisa. Conforme o Ibope, cerca de 34 milhões de brasileiros são ouvintes de algum tipo de podcast, o que corresponde a quase 8% do total da população.

## **1.6 Produção de podcast**

O setor de podcasts tem visto um incremento no Brasil, conforme Oliveira, Nickel e Kalsing (2020). No entanto, o panorama de produção da mídia no país ainda é caracterizado por uma informalidade. 73,5% dos produtores de podcasts realizam as gravações em suas próprias residências, sem um espaço específico, enquanto 26,7% arranjaram uma forma de adaptar um estúdio caseiro para suas necessidades de produção. Apenas uma pequena fração dos produtores de podcasts no Brasil, cerca de 1,5%, opta por alugar um estúdio profissional para realizar suas gravações (ABPOD, 2018). O dado é confirmado por Oliveira, Nickel e Kalsing (2020). Além disso, a esfera de produção de podcasts no país tem uma representatividade predominantemente masculina, 87,1%.

"Como fazer um podcast", um *ebook* publicado pela Spreaker e Tracto, em março de 2020, com contribuições da Shure, aborda as melhores práticas na produção da mídia, oferecendo um guia abrangente para quem deseja iniciar um projeto. A produção de um podcast de sucesso, segundo o manual, começa com um planejamento estratégico eficaz. O *ebook* enfatiza a importância da definição clara do conceito do projeto, incluindo a identificação do público-alvo, a escolha de temas relevantes e a definição de um formato que ressoe com os interesses dos ouvintes. Essa etapa inicial é crucial, segundo o material, para definir a direção e o tom do conteúdo, essenciais para construir uma identidade forte no mercado competitivo de podcasts.

Prosseguindo para a fase de criação, o roteiro surge como um elemento chave. Um bom roteiro, que emprega técnicas eficazes de *storytelling*, é fundamental, conforme o *ebook*, para guiar o ouvinte através de uma experiência auditiva coerente e envolvente. A narrativa planejada com cuidado é capaz de capturar e manter a atenção do público, sendo um diferencial importante para o engajamento dos ouvintes, afirma o guia. Além disso, a qualidade do áudio é um aspecto crítico para o sucesso de um podcast. O *ebook* destaca a necessidade de utilizar equipamentos de alta qualidade e técnicas de gravação profissionais para assegurar a clareza e a qualidade sonora. Esses fatores influenciam diretamente a percepção do ouvinte e podem determinar a continuidade do seu interesse pelo podcast.

Após a gravação, entram em cena a edição e a pós-produção, etapas fundamentais para refinar o produto final. O uso de *softwares* recomendados pelo *ebook*, juntamente com técnicas avançadas de edição, visa melhorar significativamente a experiência do ouvinte. Além disso, as estratégias de publicação e as plataformas escolhidas para distribuir o podcast são vistas como cruciais para alcançar o público desejado. A consistência no lançamento dos episódios também são destacadas para manter a audiência engajada. A promoção do podcast é outro aspecto central do *ebook* para construir uma audiência.

A obra sugere ainda táticas de marketing, incluindo a utilização das redes sociais e estratégias de SEO<sup>7</sup> para podcasts, para aumentar a visibilidade e atrair novos ouvintes. Por fim, a análise de desempenho e a resposta do público são destacadas como essenciais para o crescimento contínuo do projeto. Ferramentas para monitorar métricas e obter *feedback* também

---

<sup>7</sup> SEO (Search Engine Optimization, ou Otimização para Motores de Busca): Conjunto de técnicas e estratégias com o objetivo de potencializar e melhorar o posicionamento de um site ou página na página de resultados orgânicos em motores de busca, como o Google. No contexto dos podcasts, SEO pode envolver a otimização de títulos, descrições e palavras-chave para garantir que o conteúdo seja facilmente encontrado e classificado de forma relevante nas pesquisas relacionadas ao seu tema.

são recomendadas, permitindo ajustes e melhorias contínuas no conteúdo. Produzir um podcast bem-sucedido, alerta o *ebook*, envolve uma série de etapas interconectadas, do planejamento inicial à promoção e análise de desempenho.

## **CAPÍTULO II**

### **MEMORANDO DE PRODUÇÃO**

#### **2.1 Justificativa da temática abordada no trabalho**

Ao iniciar o Trabalho de Conclusão de Curso I (TCCI), encontrei na temática da violência contra jornalistas no Brasil um campo fértil para a pesquisa e a expressão jornalística. Esse interesse foi estimulado pelo crescente cenário de hostilidade e perigo que os jornalistas enfrentam, especialmente sob a influência de grupos extremistas. A escolha do podcast como segmento para este projeto foi motivada pela flexibilidade, acessibilidade e crescente popularidade da mídia no país.

#### **2.2 Referencial teórico e definição da temática - fevereiro a setembro**

O desenvolvimento do Capítulo I (Revisão de Literatura) se estendeu entre os meses de fevereiro e setembro de 2023, englobando as disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso I e II (TCC I e II). Esse período foi marcado por uma imersão na temática da violência contra jornalistas, um assunto que revelou complexidades e desafios significativos dentro do contexto sociopolítico brasileiro. Em reunião de orientação com a professora Denize Daudt Bandeira, foi delineada a estrutura do trabalho: teórica e prática. Essa última resultou no podcast (Projeto Experimental - Imprensa no Alvo: Violência Contra Jornalistas no Brasil).

Durante os meses de pesquisa bibliográfica e discussões teóricas, foi possível compreender a violência contra jornalistas no Brasil em um contexto da própria história do país. Este período foi essencial para fundamentar o projeto, abrangendo aspectos relacionados à liberdade de imprensa, segurança dos profissionais da imprensa e o papel da mídia em contextos democráticos. A pesquisa bibliográfica também foi importante para entender as implicações desse cenário na sociedade, destacando ainda a necessidade de proteção e apoio aos jornalistas.

#### **1.3 Elaboração das pautas e realização das entrevistas - setembro a novembro**

Após concluir o referencial teórico e definir o segmento do trabalho, entre setembro e novembro iniciou-se a montagem das pautas das entrevistas (ver apêndice). A escolha das fontes visava incorporar uma ampla gama de perspectivas sobre a violência, principalmente as

promovidas pelos grupos extremistas, contra jornalistas no Brasil. Foram ouvidas a presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Samira de Castro, e a vice-presidente da entidade, Maria José Braga. O sociólogo Flávio Sofiati contribui no trabalho com uma análise do contexto social e político envolvendo a violência contra a imprensa.

As jornalistas Silvana Bittencourt (Grupo Jaime Câmara) e Aldenne Lopes (Rádio CBN Goiânia - GJC) também compartilham suas experiências pessoais e perspectivas sobre a realidade da profissão. A participação das jornalistas se justifica por integrarem a principal empresa de comunicação do estado de Goiás e uma das maiores do Centro Oeste, região que, segundo relatório da Fenaj (2022), apresentou o maior índice de violência contra jornalistas no último ano. Todas as fontes optaram por entrevistas remotas, realizadas através de salas virtuais no Microsoft Teams.

Cada entrevista revelou-se um aprendizado valioso e trouxe insights importantes para o podcast. As conversas com as jornalistas Samira de Castro e Maria José Braga foram fundamentais na compreensão da amplitude da violência contra os profissionais da imprensa e a necessidade de ações mais efetivas de proteção ao grupo. Essas entrevistas não apenas enriqueceram o conteúdo do projeto, mas também aprofundaram o entendimento sobre os desafios diários enfrentados pelos jornalistas.

#### **2.4 Elaboração do roteiro - novembro**

Após finalizar as entrevistas, me dediquei à tarefa meticulosa de analisar e selecionar as declarações mais significativas e impactantes (decupagem). O desafio era sintetizar as várias horas de gravação em um documentário singular, mas profundo e abrangente. A organização das falas e/ou sonoras em blocos temáticos foi essencial no processo de produção, tanto da escrita do roteiro como da edição do podcast. A estruturação permitiu uma fluidez narrativa que reflete os principais pontos do referencial teórico, criando um diálogo entre teoria e prática. Cada segmento do roteiro foi disposto para formar um mosaico que ilustra as várias facetas da violência contra jornalistas, desde as experiências pessoais das entrevistadas à análise sociológica, que possibilitou entender as implicações da violência no contexto social.

Durante essa etapa do projeto também foram definidos os backgrounds (BGs), música de fundo para a locução, que também integram a vinheta de abertura do podcast, elementos que enriquecem a experiência auditiva e reforçam a mensagem do projeto. O roteiro final (ver apêndice) foi concebido para conduzir o ouvinte através de uma narrativa que não apenas

informa, mas também provoca reflexão. O objetivo foi produzir um podcast que colaborasse na conscientização sobre a temática que versa sobre o trabalho.

## **2.5 Gravação e edição - novembro**

Após finalizar as entrevistas e redigir o roteiro detalhado do podcast *Imprensa no Alvo: Violência Contra Jornalistas no Brasil*, iniciei a fase de gravação. Este processo ocorreu nos estúdios de rádio da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), no Campus V. No local também foi gravada a vinheta de abertura do podcast, um elemento crucial para a identidade do projeto. A edição foi um projeto colaborativo, realizado com o apoio do jornalista Nilson Ribeiro Filho, responsável pelo laboratório. Sua expertise foi fundamental para dar vida ao projeto, assegurando que cada elemento sonoro (música, ruído, palavra e silêncio) se harmonizasse, criando uma experiência auditiva envolvente e profissional.

## **2.6 Lista de entrevistados**

### **Samira de Castro Cunha**

**Profissão:** Presidente da Federação Nacional dos Jornalistas. Integrante da Comissão Nacional de Mulheres Jornalistas da Fenaj. Integra o Comitê Executivo do Conselho de Gênero da Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ), representando as jornalistas da América Latina, em especial, as do Brasil. Também integra o Conselho Consultivo da Rede de Jornalistas e Comunicadoras com Visão de Gênero e Raça (RIPVG - Brasil). Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC), é redatora do jornal *Diário do Nordeste*, onde trabalha desde 1997, atualmente licenciada para mandato sindical.

**Data da entrevista:** 27/09/2023 - Microsoft Teams

### **Maria José Braga**

**Profissão:** Vice-presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Jornalista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo Especializado (Comunitário, Rural, Empresarial, Científico).

**Data da entrevista:** 28/09/2023 - Microsoft Teams



**Flávio Munhoz Sofiati**

**Profissão:** Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Sociólogo. Professor associado de sociologia da Universidade Federal de Goiás (UFG), na Faculdade de Ciências Sociais. Atua nos cursos de graduação em ciências sociais, na Especialização em Políticas Públicas e nos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia Social.

**Data da entrevista:** 10/10/2023 - Microsoft Teams

**Silvana Maria Bittencourt**

**Profissão:** Editora-executiva do jornal O Popular. Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1987), graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (2003) e mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (2006).

**Data da entrevista:** 08/11/2023 - Microsoft Teams

**Aldenne Lopes da Silva**

**Profissão:** Chefe de reportagem da rádio CBN Goiânia. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2013).

**Data da entrevista:** 08/11/2023 - Microsoft Teams

## CONCLUSÃO

A violência contra jornalistas no Brasil extrapola o desafio de resguardar a segurança individual dos profissionais da imprensa. O cenário, em crescimento, conforme dados da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ, 2022), é um sintoma preocupante das tensões na estrutura democrática brasileira e na garantia da liberdade de imprensa. Os ataques por grupos extremistas, por exemplo, são orquestrados e multifacetados, refletindo uma conjuntura complexa de polarização política, desrespeito às liberdades fundamentais e um contexto de impunidade que agrava ainda mais esse panorama.

As diversas manifestações de violência contra os jornalistas no país precisam ser abordadas a partir de uma dinâmica sociopolítica, que alimenta ainda mais os conflitos, permeados por narrativas políticas e ideológicas. Contexto que busca minar a credibilidade da imprensa e de seus profissionais. Essa tendência é agravada pela propagação de desinformação e pela ascensão de discursos radicais que desvalorizam as instituições democráticas, o conhecimento científico e a informação apurada.

O projeto, que resultou no podcast Imprensa no alvo: violência contra jornalistas no Brasil, aponta a necessidade de ações concretas para proteger os jornalistas e promover a liberdade de imprensa. É imperativo que as instituições governamentais, as organizações da sociedade civil e os cidadãos se comprometam com a defesa da imprensa. Este compromisso passa por uma conscientização pública mais ampla sobre a importância do jornalismo, bem como pela implementação de políticas que assegurem o trabalho do profissional da comunicação e das empresas jornalísticas.

É importante destacar que a informação exerce papel importante no fortalecimento da democracia e de suas instituições representativas. Por isso, esperamos ter contribuído para pautar a violência contra os profissionais da imprensa e para convocar a sociedade a uma reflexão sobre o contexto aqui apresentado. Acreditamos que a compreensão das causas e das consequências dessa situação, juntamente com o conhecimento sobre o papel da imprensa na consolidação da cidadania e da democracia, resultará em um diálogo social sobre essa conjuntura. Também desejamos que o debate provoque ações efetivas que garantam um ambiente saudável e seguro para o exercício do jornalismo profissional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABPOD. **Podpesquisa 2019-2020**. 2020. Disponível em: [https://www.canva.com/design/DAD2c2rBAPY/view?utm\\_content=DAD2c2rBAPY&utm\\_campaign=designshare&utm\\_medium=embeds&utm\\_source=link#1](https://www.canva.com/design/DAD2c2rBAPY/view?utm_content=DAD2c2rBAPY&utm_campaign=designshare&utm_medium=embeds&utm_source=link#1). Acesso em: 04 nov. 2023.
- BAHIA, Juarez. **Imprensa e história no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O espetáculo da notícia: jornalismo, política e sentido do mundo**. Editora Unesp, 2009.
- BARBOSA, M. “Da autocrítica do jornalismo à história autoral do jornalismo: tensões na escrita da história da imprensa”. *Revista Brasileira de História da Mídia*, 1(2), 149-171, 2007.
- BENETTI, Márcia. **Análise do Discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. (Org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007. v. 1, p. 107-122. Acesso em: 18 set. 2023.
- BERNSTEIN, R. **Violencia: Pensar sin barrandillas**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2015.
- BLOTTA, Vitor. **Violência contra Jornalistas e Liberdade de Expressão no Brasil contemporâneo: a mordida do Ouroboro**. *Infoamerica: Iberoamerican Communication Review*, v. 10, 2016. Disponível em: <https://www.infoamerica.org/icr/n10/blotta.pdf>. Acesso em: 18 set. 2023.
- BUSQUETS, Marisol Cano. **Violencia contra los periodistas: Configuración del fenómeno, metodologías y mecanismos de intervención de organizaciones internacionales de defensa de la libertad de expresión**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2019.
- CHALABY, Jean K. **The Invention of Journalism Ethics: The Path to Objectivity and Beyond**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2013.
- CHEN, Brian X. Aug. 13, 2004: ‘Podfather’ Adam Curry Launches Daily Source Code. *Wired*. [S.l.], 13 ago. 2009. Disponível em: [https://www.wired.com/2009/08/dayintech\\_0813/](https://www.wired.com/2009/08/dayintech_0813/). Acesso em: 01 nov. 2023.
- COMMITTEE TO PROTECT JOURNALISTS. **Impunity on the rise in Brazil as journalists face threats and attacks**. CPJ, 2021. Disponível em: <https://cpj.org/reports/2021/02/impunity-on-the-rise-in-brazil-as-journalists-face-threats-and-attacks/>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas. (2022). **Relatório da Violência Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil - 2022**. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2023/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-2022.pdf>. Acesso em: 21 out. 2023.

IBOPE. **Pesquisa sobre Podcast**. 2019. Apresentação de Slides. Disponível em: [https://www.ibopeinteligencia.com/arquivos/JOB%2019\\_0372\\_APRESENTA%C3%87%C3%83O\\_PODCAST.pdf](https://www.ibopeinteligencia.com/arquivos/JOB%2019_0372_APRESENTA%C3%87%C3%83O_PODCAST.pdf). Acesso em: 04 nov. 2023.

JORGE, Fernando. **Cale a boca, jornalista!**: o ódio e a fúria dos mandões contra a imprensa brasileira. 5 ed. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2008.

JUNG, Cleusa. “**¿Para qué el periodismo si te van a matar?**”: violencia contra jornalistas no México. Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Maria, 2017. Acesso em: 18 set. 2023.

LOPES, D. “**Comunidade discursiva e identidade jornalística**”. Revista Brasileira de História da Mídia, 1(1), 41-65, 2012.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda** - Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

\_\_\_\_\_. **O jogo da propaganda**: a guerra como guerra das imagens. Jorge Zahar Editor, 1988.

OLIVEIRA, Felipe Moura de; NICKEL, Barbara; KALSING, Janaína. **A notícia contada, explicada e conversada**: colaboração e mediação no jornalismo praticado em podcast no Brasil. Fronteiras: estudos midiáticos. São Leopoldo, v. 22, n. 3., set./dez. 2020.

PETRARCA, F. **O jornalismo de rádio no Brasil**: da antiga à nova era. Editora Unisinos, 2010.

PORTO, Maria Stela Grossi. **A violência, entre práticas e representações sociais**: uma trajetória de pesquisa. Revista Sociedade e Estado, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/KJ8GVRNbgDKSCcSX5sBztXh/?format=pdf&lang=pt>

PORTO, Maria Stela Grossi. **Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea**. Sociologias, Vol., núm.8, pp.152-171, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86819566007>

PORTO, Maria Stela Grossi. **Sociologia da violência**. Editora Francis, 2010.

RAY, Larry. **Violence and society**. SAGE Publications Ltd, London, 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/586613/Violence\\_and\\_Society](https://www.academia.edu/586613/Violence_and_Society). Acesso em: 21 set. 2023.

RIBEIRO, L. **Jornalismo cultural**: uma contribuição para o estudo do jornalismo no Brasil. Editora Vozes, 2003.

SOARES, Ingrid; VIEIRA, Renata. **A violência contra jornalistas no Brasil**: ataques extremistas. Observatório da Imprensa, 2020. Disponível em: <https://observatoriodaimprensa.com.br/monitor-da-imprensa/violencia-contra-jornalistas-no-brasil-ataques-extremistas/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SPREAKER E TRACTO CONTENT MARKETING. **Do Equipamento à monetização:**  
Aprenda a criar um podcast. Disponível em: <https://try.speaker.com/como-fazer-um-podcast/>.  
Acesso em: 05 de out. 2023.

STANKO, Elizabeth Anne. **Violence**. SAGE Publications Ltd, London, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. Editora Unisinos, 2005.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**.  
Florianópolis: Editora Insular, 2005.

**APÊNDICE****APÊNDICE A - PAUTAS****Pauta - TCC****Samira de Castro****Contato: XXXXXXXXXXXX****Editora:** Isabela Campos Franco

**Fontes:** Presidente da Federação Nacional dos Jornalistas. Integrante da Comissão Nacional de Mulheres Jornalistas da FENAJ. Integra o Comitê Executivo do Conselho de Gênero da Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ), representando as jornalistas da América Latina, em especial, as do Brasil. Também integra o Conselho Consultivo da Rede de Jornalistas e Comunicadoras com Visão de Gênero e Raça (RIPVG - Brasil). Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC), é redatora do jornal Diário do Nordeste, onde trabalha desde 1997, atualmente licenciada para mandato sindical. Já exerceu o cargo de subeditora de Economia na mesma empresa. Figura no ranking dos jornalistas mais premiados do Brasil e do Nordeste, segundo o portal Jornalistas & Cia. Foi presidenta do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará (Sindjorce) de 2011 a 2013, interinamente e eleita por dois mandatos consecutivos (2013-2016 e 2016-2019). Foi conselheira titular do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos do Ceará (CEDDH-CE) por dois mandatos (2013-2016 e 2016-2019).

## **I. Tema:** A Violência de Grupos Extremistas Contra Jornalistas no Brasil

### **II. Justificativa**

O jornalismo é frequentemente chamado de "Quarto Poder", agindo como um pilar crucial da democracia. No entanto, o aumento da violência contra jornalistas por grupos extremistas está ameaçando essa função vital. No Brasil, um país já marcado por altos níveis de violência, essa ameaça toma dimensões ainda mais graves. A justificativa para este podcast é proporcionar uma discussão, análise e entendimento sobre a extensão e as implicações dessa violência, bem como formas de combatê-la. É crucial para a sociedade compreender como isso afeta não apenas os jornalistas, mas também a qualidade da informação e, por extensão, a própria democracia.

### **III. Enfoque/viés**

O objetivo principal deste podcast é fornecer um espaço de discussão qualificada sobre o tema da violência contra jornalistas perpetrada por grupos extremistas no Brasil.

### **IV. Metodologia**

Para abordar o tema "Violência de Grupos Extremistas Contra Jornalistas no Brasil", o podcast seguirá um modelo de entrevistas estruturadas. O apresentador fará uma série de perguntas preparadas previamente e adaptadas para cada entrevistado, que podem incluir jornalistas, sociólogos, e a presidente da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas).

### **V. Dados**

- O relatório da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) em 2022 revela um cenário alarmante de assédio e ataques contra a imprensa, intensificados pela influência política, principalmente do ex-presidente Jair Bolsonaro.

- Agressões físicas e verbais são acompanhadas por tentativas de descredibilização da imprensa, com casos notórios de violência contra jornalistas brasileiros em cenários internacionais.
- A violência se espalha por quase todas as regiões do Brasil, com a região Sudeste e o estado de São Paulo registrando os maiores números de casos. Aumentos significativos de violência também foram observados no Centro-Oeste e no Norte.
- Jornalistas mulheres, negros e LGBTQIAPN+ enfrentam riscos duplos, sendo alvos de ataques por seu trabalho jornalístico e por questões de identidade de gênero, sexualidade, raça e etnia.
- Grupos radicais, incluindo milícias e organizações criminosas, são frequentemente os autores desses ataques, em um contexto onde a impunidade é um problema grave, com agressores raramente identificados ou punidos.

## **VI. Perguntas**

1. Qual tem sido a tendência da violência contra jornalistas no Brasil nos últimos anos?
2. Em sua opinião, como os grupos extremistas contribuem para essa violência?
3. Como esses casos foram tratados pelas autoridades e pela mídia?
4. Existem medidas eficazes para prevenir essa forma de violência contra jornalistas?
5. O que a FENAJ tem feito para proteger jornalistas contra ataques de grupos extremistas?
6. Como a violência de grupos extremistas contra jornalistas impacta a liberdade de imprensa e a democracia?
7. Quais são as implicações sociais desse tipo de violência?
8. Existem leis suficientes para proteger jornalistas desses ataques no Brasil?
9. Você vê necessidade de reformas políticas ou legislativas para melhorar a segurança dos jornalistas?
10. Você acredita que a situação está melhorando ou piorando?
11. Quais são suas recomendações para combater eficazmente essa forma de violência contra jornalistas?



**Pauta - TCC**

**Maria José Braga**

**Contato: XXXXXXXXXXXX**

**Editora:** Isabela Campos Franco

**Fontes:** Vice-presidente da Federação Nacional dos Jornalistas. Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1987), graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (2003) e mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (2006). Jornalista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo Especializado (Comunitário, Rural, Empresarial, Científico).

**I. Tema:** A Violência de Grupos Extremistas Contra Jornalistas no Brasil

## **II. Justificativa**

O jornalismo é frequentemente chamado de "Quarto Poder", agindo como um pilar crucial da democracia. No entanto, o aumento da violência contra jornalistas por grupos extremistas está ameaçando essa função vital. No Brasil, um país já marcado por altos níveis de violência, essa ameaça toma dimensões ainda mais graves. A justificativa para este podcast é proporcionar uma discussão, análise e entendimento sobre a extensão e as implicações dessa violência, bem como formas de combatê-la. É crucial para a sociedade compreender como isso afeta não apenas os jornalistas, mas também a qualidade da informação e, por extensão, a própria democracia.

## **III. Enfoque/viés**

O objetivo principal deste podcast é fornecer um espaço de discussão qualificada sobre o tema da violência contra jornalistas perpetrada por grupos extremistas no Brasil.

## **IV. Metodologia**

Para abordar o tema "Violência de Grupos Extremistas Contra Jornalistas no Brasil", o podcast seguirá um modelo de entrevistas estruturadas. O apresentador fará uma série de perguntas preparadas previamente e adaptadas para cada entrevistado, que podem incluir jornalistas, sociólogos, e a presidente da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas).

## **V. Dados**

- O relatório da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) em 2022 revela um cenário alarmante de assédio e ataques contra a imprensa, intensificados pela influência política, principalmente do ex-presidente Jair Bolsonaro.
- Agressões físicas e verbais são acompanhadas por tentativas de descredibilização da imprensa, com casos notórios de violência contra jornalistas brasileiros em cenários internacionais.

- A violência se espalha por quase todas as regiões do Brasil, com a região Sudeste e o estado de São Paulo registrando os maiores números de casos. Aumentos significativos de violência também foram observados no Centro-Oeste e no Norte.
- Jornalistas mulheres, negros e LGBTQIAPN+ enfrentam riscos duplos, sendo alvos de ataques por seu trabalho jornalístico e por questões de identidade de gênero, sexualidade, raça e etnia.
- Grupos radicais, incluindo milícias e organizações criminosas, são frequentemente os autores desses ataques, em um contexto onde a impunidade é um problema grave, com agressores raramente identificados ou punidos.

## **VI. Perguntas**

1. Qual tem sido a tendência da violência contra jornalistas no Brasil nos últimos anos?
2. Em sua opinião, como os grupos extremistas contribuem para essa violência?
3. Como esses casos foram tratados pelas autoridades e pela mídia?
4. Existem medidas eficazes para prevenir essa forma de violência contra jornalistas?
5. O que a FENAJ tem feito para proteger jornalistas contra ataques de grupos extremistas?
6. Como a violência de grupos extremistas contra jornalistas impacta a liberdade de imprensa e a democracia?
7. Quais são as implicações sociais desse tipo de violência?
8. Existem leis suficientes para proteger jornalistas desses ataques no Brasil?
9. Você vê necessidade de reformas políticas ou legislativas para melhorar a segurança dos jornalistas?
10. Você acredita que a situação está melhorando ou piorando?
11. Quais são suas recomendações para combater eficazmente essa forma de violência contra jornalistas?

**Pauta - TCC**

**Flávio Sofiati**

**Contato: XXXXXXXXXXXXX**

**Editora:** Isabela Campos Franco

**Fontes:** É professor associado de sociologia da UFG - Universidade Federal de Goiás, na Faculdade de Ciências Sociais. Atua nos cursos de graduação em ciências sociais, na Especialização em Políticas Públicas e nos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia Social. Fez pós-doutorado no exterior na École des Hautes Études en Sciences Sociales (França) em 2018-2019 e pós-doutorado no Brasil na Pontifícia Universidade Católica de Goiás em 2015-2017. Tem doutorado em Sociologia pela USP - Universidade de São Paulo. Tem Graduação em Ciências Sociais pela UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e Mestrado em Ciências Sociais pela UFSCar - Universidade Federal de São Carlos (2004). Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Teoria Sociológica Clássica, Sociologia da Religião e Sociologia da Juventude, atuando principalmente nos seguintes temas: Juventude e Religião, Catolicismo Contemporâneo, Movimento Carismático, Teologia da Libertação.

## **I. Tema:** A Violência de Grupos Extremistas Contra Jornalistas no Brasil

### **II. Justificativa**

O jornalismo é frequentemente chamado de "Quarto Poder", agindo como um pilar crucial da democracia. No entanto, o aumento da violência contra jornalistas por grupos extremistas está ameaçando essa função vital. No Brasil, um país já marcado por altos níveis de violência, essa ameaça toma dimensões ainda mais graves. A justificativa para este podcast é proporcionar uma discussão, análise e entendimento sobre a extensão e as implicações dessa violência, bem como formas de combatê-la. É crucial para a sociedade compreender como isso afeta não apenas os jornalistas, mas também a qualidade da informação e, por extensão, a própria democracia.

### **III. Enfoque/viés**

O objetivo principal deste podcast é fornecer um espaço de discussão qualificada sobre o tema da violência contra jornalistas perpetrada por grupos extremistas no Brasil.

### **IV. Metodologia**

Para abordar o tema "Violência de Grupos Extremistas Contra Jornalistas no Brasil", o podcast seguirá um modelo de entrevistas estruturadas. O apresentador fará uma série de perguntas preparadas previamente e adaptadas para cada entrevistado, que podem incluir jornalistas, sociólogos, e a presidente da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas).

### **V. Dados**

- O relatório da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) em 2022 revela um cenário alarmante de assédio e ataques contra a imprensa, intensificados pela influência política, principalmente do ex-presidente Jair Bolsonaro.

- Agressões físicas e verbais são acompanhadas por tentativas de descredibilização da imprensa, com casos notórios de violência contra jornalistas brasileiros em cenários internacionais.
- A violência se espalha por quase todas as regiões do Brasil, com a região Sudeste e o estado de São Paulo registrando os maiores números de casos. Aumentos significativos de violência também foram observados no Centro-Oeste e no Norte.
- Jornalistas mulheres, negros e LGBTQIAPN+ enfrentam riscos duplos, sendo alvos de ataques por seu trabalho jornalístico e por questões de identidade de gênero, sexualidade, raça e etnia.
- Grupos radicais, incluindo milícias e organizações criminosas, são frequentemente os autores desses ataques, em um contexto onde a impunidade é um problema grave, com agressores raramente identificados ou punidos.

## **VI. Perguntas**

1. Como você enxerga o crescimento de grupos extremistas no Brasil dentro do contexto sociológico atual?
2. Existe alguma correlação entre a estrutura social brasileira e o aumento da hostilidade desses grupos contra jornalistas?
3. Em sua análise, como as mudanças recentes no cenário político nacional podem ter influenciado a ação desses grupos extremistas?
4. De que forma a polarização da sociedade brasileira contribui para a visão antagonista de alguns grupos em relação à imprensa?
5. Quais motivações sociológicas podem estar por trás dos ataques desses grupos a jornalistas?
6. Como a dinâmica social influencia na percepção do papel da mídia em contextos polarizados?
7. A autocensura é uma resposta dos jornalistas ao medo de represálias desses grupos? Como isso impacta na sociedade como um todo?

8. Em sua opinião, existem determinadas regiões ou contextos sociais no Brasil onde jornalistas estão mais suscetíveis a ataques?

9. Como a sociedade brasileira pode responder e se proteger contra a ameaça desses grupos extremistas?

10. Por fim, do ponto de vista sociológico, quais seriam as melhores abordagens para mitigar a violência contra jornalistas e reduzir a influência negativa de grupos extremistas?

### **Pauta - TCC**

**Silvana Bittencourt**

**Contato: XXXXXXXXXX**

**Editora:** Isabela Campos Franco

**Fontes:** Jornalista e editora-executiva do jornal O Popular

**I. Tema:** A Violência de Grupos Extremistas Contra Jornalistas no Brasil

### **II. Justificativa**

O jornalismo é frequentemente chamado de "Quarto Poder", agindo como um pilar crucial da democracia. No entanto, o aumento da violência contra jornalistas por grupos extremistas está ameaçando essa função vital. No Brasil, um país já marcado por altos níveis de violência, essa ameaça toma dimensões ainda mais graves. A justificativa para este podcast é proporcionar uma discussão, análise e entendimento sobre a extensão e as implicações dessa

violência, bem como formas de combatê-la. É crucial para a sociedade compreender como isso afeta não apenas os jornalistas, mas também a qualidade da informação e, por extensão, a própria democracia.

### **III. Enfoque/viés**

O objetivo principal deste podcast é fornecer um espaço de discussão qualificada sobre o tema da violência contra jornalistas perpetrada por grupos extremistas no Brasil.

### **IV. Metodologia**

Para abordar o tema "Violência de Grupos Extremistas Contra Jornalistas no Brasil", o podcast seguirá um modelo de entrevistas estruturadas. O apresentador fará uma série de perguntas preparadas previamente e adaptadas para cada entrevistado, que podem incluir jornalistas, sociólogos, e a presidente da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas).

### **V. Dados**

- O relatório da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) em 2022 revela um cenário alarmante de assédio e ataques contra a imprensa, intensificados pela influência política, principalmente do ex-presidente Jair Bolsonaro.
- Agressões físicas e verbais são acompanhadas por tentativas de descredibilização da imprensa, com casos notórios de violência contra jornalistas brasileiros em cenários internacionais.
- A violência se espalha por quase todas as regiões do Brasil, com a região Sudeste e o estado de São Paulo registrando os maiores números de casos. Aumentos significativos de violência também foram observados no Centro-Oeste e no Norte.
- Jornalistas mulheres, negros e LGBTQIAPN+ enfrentam riscos duplos, sendo alvos de ataques por seu trabalho jornalístico e por questões de identidade de gênero, sexualidade, raça e etnia.



- Grupos radicais, incluindo milícias e organizações criminosas, são frequentemente os autores desses ataques, em um contexto onde a impunidade é um problema grave, com agressores raramente identificados ou punidos.

## **VI. Perguntas**

1. Baseado em sua experiência, como você percebe a evolução da violência de grupos extremistas contra jornalistas no Brasil?
2. Você já sentiu pressão ou ameaça ao cobrir temas sensíveis que possam desencadear reações de grupos extremistas?
3. De que maneira a violência exercida por grupos extremistas impacta a liberdade de imprensa no país?
4. Como você acredita que os veículos de comunicação podem proteger seus jornalistas das ameaças e violências desses grupos?
5. Existem diferenças na maneira como jornalistas homens e mulheres são afetados por essa violência?
6. Você pode compartilhar algum exemplo de estratégias de reportagem ou de segurança adotadas para lidar com cenários de ameaça?
7. Qual é o papel das redes sociais na amplificação ou no combate à violência de grupos extremistas contra jornalistas?
8. Você acha que existe um esforço coordenado para desacreditar a imprensa e, se sim, qual o impacto disso no jornalismo brasileiro?
9. Como a situação no Brasil se compara com a de outros países em termos de violência contra jornalistas?
10. Em sua opinião, o que precisa mudar na sociedade e na política para assegurar um ambiente seguro para o exercício do jornalismo?
11. De que forma o governo Bolsonaro influenciou nesse aumento da violência?

## **Pauta - TCC**

**Aldenne Lopes**

**Contato: XXXXXXXXXX**

**Editora:** Isabela Campos Franco

**Fontes:** Aldenne Lopes chefe de reportagem da rádio CBN Goiânia

**I. Tema:** A Violência de Grupos Extremistas Contra Jornalistas no Brasil

### **II. Justificativa**

O jornalismo é frequentemente chamado de "Quarto Poder", agindo como um pilar crucial da democracia. No entanto, o aumento da violência contra jornalistas por grupos extremistas está ameaçando essa função vital. No Brasil, um país já marcado por altos níveis de violência, essa ameaça toma dimensões ainda mais graves. A justificativa para este podcast é proporcionar uma discussão, análise e entendimento sobre a extensão e as implicações dessa violência, bem como formas de combatê-la. É crucial para a sociedade compreender como isso afeta não apenas os jornalistas, mas também a qualidade da informação e, por extensão, a própria democracia.

### **III. Enfoque/viés**

O objetivo principal deste podcast é fornecer um espaço de discussão qualificada sobre o tema da violência contra jornalistas perpetrada por grupos extremistas no Brasil.

#### **IV. Metodologia**

Para abordar o tema "Violência de Grupos Extremistas Contra Jornalistas no Brasil", o podcast seguirá um modelo de entrevistas estruturadas. O apresentador fará uma série de perguntas preparadas previamente e adaptadas para cada entrevistado, que podem incluir jornalistas, sociólogos, e a presidente da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas).

#### **V. Dados**

- O relatório da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) em 2022 revela um cenário alarmante de assédio e ataques contra a imprensa, intensificados pela influência política, principalmente do ex-presidente Jair Bolsonaro.
- Agressões físicas e verbais são acompanhadas por tentativas de descredibilização da imprensa, com casos notórios de violência contra jornalistas brasileiros em cenários internacionais.
- A violência se espalha por quase todas as regiões do Brasil, com a região Sudeste e o estado de São Paulo registrando os maiores números de casos. Aumentos significativos de violência também foram observados no Centro-Oeste e no Norte.
- Jornalistas mulheres, negros e LGBTQIAPN+ enfrentam riscos duplos, sendo alvos de ataques por seu trabalho jornalístico e por questões de identidade de gênero, sexualidade, raça e etnia.
- Grupos radicais, incluindo milícias e organizações criminosas, são frequentemente os autores desses ataques, em um contexto onde a impunidade é um problema grave, com agressores raramente identificados ou punidos.

#### **VI. Perguntas**

1. Baseado em sua experiência, como você percebe a evolução da violência de grupos extremistas contra jornalistas no Brasil?

2. Você já sentiu pressão ou ameaça ao cobrir temas sensíveis que possam desencadear reações de grupos extremistas?
3. De que maneira a violência exercida por grupos extremistas impacta a liberdade de imprensa no país?
4. Como você acredita que os veículos de comunicação podem proteger seus jornalistas das ameaças e violências desses grupos?
5. Existem diferenças na maneira como jornalistas homens e mulheres são afetados por essa violência?
6. Você pode compartilhar algum exemplo de estratégias de reportagem ou de segurança adotadas para lidar com cenários de ameaça?
7. Qual é o papel das redes sociais na amplificação ou no combate à violência de grupos extremistas contra jornalistas?
8. Você acha que existe um esforço coordenado para desacreditar a imprensa e, se sim, qual o impacto disso no jornalismo brasileiro?
9. Como a situação no Brasil se compara com a de outros países em termos de violência contra jornalistas?
10. Em sua opinião, o que precisa mudar na sociedade e na política para assegurar um ambiente seguro para o exercício do jornalismo?
11. De que forma o governo Bolsonaro influenciou nesse aumento da violência?

## APÊNDICE B - ROTEIRO

### **TEC: VINHETA DO PODCAST**

### **TEC: BG 1 Tension - KV BG 1.mp3**

JAIR MESSIAS BOLSONARO:

**TI - TF: 0:00 - 00:02:23:25** Você da Folha de São Paulo tem que entrar de novo em uma faculdade que presta e fazer um bom jornalismo [...]

### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** AS DECLARAÇÕES QUE VOCÊ OUVIU SÃO DO EX-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, / JAIR BOLSONARO, / EM UM DE SEUS MUITOS ATAQUES DIRECIONADOS À IMPRENSA. / O MATERIAL INTEGRA UMA COLETÂNEA REUNIDA PELO PORTAL DE NOTÍCIAS U-O-L EM 2021, / EVIDENCIANDO UM PADRÃO CONTÍNUO DE HOSTILIDADE CONTRA A MÍDIA. / UMA REALIDADE ENFRENTADA POR JORNALISTAS EM TODO O TERRITÓRIO BRASILEIRO. / CENÁRIO QUE REVELA OS DESAFIOS E PERIGOS DA PROFISSÃO EM UM PAÍS MARCADO POR TENSÕES POLÍTICAS E SOCIAIS. //

### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** O RELATÓRIO DA FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ), PUBLICADO EM 2022, APRESENTA UM QUADRO ASSUSTADOR SOBRE O TEMA. / O DOCUMENTO APONTA UM AUMENTO DE 300 POR CENTO NOS CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS, EM COMPARAÇÃO COM O ANO

ANTERIOR. / ESSA ESTATÍSTICA SUGERE QUE A RETÓRICA HOSTIL DO GOVERNO IMPACTOU, DE FORMA NEGATIVA, OS PROFISSIONAIS, QUE SOFREM COM A VIOLÊNCIA FÍSICA E EMOCIONAL. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** O AUMENTO DE 30 POR CENTO NO NÚMERO DE HOMICÍDIOS DE JORNALISTAS NO ANO DE 2022 É ALARMANTE. / O CENTRO-OESTE, PELO TERCEIRO ANO CONSECUTIVO, FOI A REGIÃO COM O MAIOR NÚMERO DE CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS. / DOS 376 EPISÓDIOS REGISTRADOS NO PAÍS, 98 OCORRERAM NESTA REGIÃO, O QUE REPRESENTA 34 VÍRGULA TRÊS POR CENTO, SEGUNDO A FENAJ. / E AS MULHERES, JORNALISTAS NEGROS E LGBTQIAPN+ SÃO DUPLAMENTE ATACADOS. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** O AUMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS NO BRASIL, QUE NÃO IMPACTA APENAS OS PROFISSIONAIS DA IMPRENSA, MAS TAMBÉM A DEMOCRACIA BRASILEIRA E A SOCIEDADE, É O TEMA DESTE PODCAST, CONDUZIDO POR MIM, ISABELA CAMPOS. / PARA A REALIZAÇÃO DESSE PROJETO, EU CONVERSEI COM A PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, / SAMIRA DE CASTRO, COM A VICE-PRESIDENTE DA FENAJ, MARIA JOSÉ BRAGA, / COM O PESQUISADOR E SOCIÓLOGO FLÁVIO SOFIATI, COM A EDITORA EXECUTIVA DO JORNAL O POPULAR, SILVANA BITTENCOURT,

E COM A CHEFE DE REPORTAGEM DA RÁDIO C-B-N GOIÂNIA, A JORNALISTA ALDENNE LOPES. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** A PROPOSTA É COMPREENDER NÃO APENAS AS MANIFESTAÇÕES DESSA VIOLÊNCIA, / MAS TAMBÉM AS SUAS RAÍZES E IMPACTOS NA LIBERDADE DE IMPRENSA. / A PRESIDENTE DA FENAJ, SAMIRA DE CASTRO, E A VICE-PRESIDENTE DA ENTIDADE, UMA DAS RESPONSÁVEIS PELA PESQUISA QUE ABRE O PODCAST, MARIA JOSÉ BRAGA, COMENTAM O TEMA. //

**TEC: RODAR SONORA DA SAMIRA**

**TI - TF:** Nos últimos quatro anos a tendência tem sido de crescimento dessa violência contra jornalistas, incentivado pelo antigo presidente da República, o ex-presidente Jair Bolsonaro. Ela tem um viés político de criminalização da atividade profissional e de descredibilização da imprensa, sobretudo para que o ex-presidente pudesse operar a sua narrativa particular, minando o trabalho dos jornalistas como intermediadores do debate público, como as pessoas que levam, de fato, a informação de interesse público para a sociedade. Ela é uma violência que é exercida a partir do poder central, mas que também atinge a população em geral, que passa a agredir jornalistas não só no ambiente digital, mas no ambiente offline.

**TEC: RODAR SONORA DA MARIA JOSÉ BRAGA**

**TI - TF:** Nós temos uma série histórica feita pela Federação Nacional dos Jornalistas, em que essa série histórica tem momentos diferenciados. Antes, até 2013, nós tínhamos como maior número de casos de violência contra jornalistas, a violência praticada por atores políticos ou pessoas ligadas a atores políticos. Em 2013, em razão de uma série de manifestações de rua que ocorreram no Brasil, esse perfil muda e sobe ao topo e mantém-se em 2013, mas muda novamente a partir de 2014, voltando a classe política a ser a maior protagonista.

**NARRAÇÃO:** MARIA JOSÉ REFORÇA AINDA A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO PERÍODO BOLSONARO. //

**TEC: RODAR SONORA DA MARIA JOSÉ BRAGA**

**TI - TF:** E a gente precisa destacar também o período do governo Bolsonaro, que é um período bastante atípico, em que, claro, são os políticos os maiores protagonistas, com uma diferença anterior, o que nós chamamos de uma institucionalização da violência, porque o maior agressor nos quatro anos do governo Bolsonaro foi o próprio presidente.

E os números da violência nesse período subiram assustadoramente, tanto que nós da Federação Nacional dos Jornalistas criamos uma outra categoria de violência que nós passamos a chamar de descredibilização da imprensa.

O então presidente Bolsonaro praticamente todos os dias atacava jornalistas, atacava veículos de comunicação de forma com que o próprio jornalismo fosse desacreditado. E a gente acredita que esse registro é importante porque é um período atípico. Acreditamos que a partir desse ano, o número de casos de violência vai cair muito e a gente vai poder fazer uma análise da volta, vamos dizer assim, da democracia no Brasil.



**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** OUTRO ASPECTO PARTICULARMENTE PERTURBADOR DA VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS É A ATUAÇÃO DE GRUPOS EXTREMISTAS. / ESTES GRUPOS, / MOVIDOS POR EMOÇÕES INTENSAS, / EXERCITAM SUAS AGRESSIVIDADES DE MANEIRAS DIVERSAS, / DESDE ATAQUES FÍSICOS ATÉ VIOLÊNCIAS VERBAIS E VIRTUAIS. / ELES REPRESENTAM UMA AMEAÇA CRESCENTE, / NÃO APENAS PARA OS JORNALISTAS, / MAS PARA A PRÓPRIA ESSÊNCIA DA DEMOCRACIA E DO DEBATE PÚBLICO SAUDÁVEL. //

**NARRAÇÃO:** A PRESIDENTE DA FENAJ, QUE INTEGRA A COMISSÃO NACIONAL DE MULHERES JORNALISTAS, O COMITÊ EXECUTIVO DO CONSELHO DE GÊNERO DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS JORNALISTAS E O CONSELHO CONSULTIVO DA REDE DE JORNALISTAS E COMUNICADORAS COM VISÃO DE GÊNERO E RAÇA, SAMIRA DE CASTRO, E A JORNALISTA MARIA JOSÉ BRAGA, AINDA DESTACAM QUE ESSES ATAQUES, / MUITAS VEZES INCENTIVADOS POR FIGURAS POLÍTICAS, / TÊM COMO ALVOS PRINCIPAIS JORNALISTAS MULHERES, / ATACADAS NÃO SÓ PELO SEU TRABALHO, / MAS TAMBÉM POR QUESTÕES DE GÊNERO, / SEXUALIDADE, / RAÇA E ETNIA. //

**TEC: RODAR SONORA DA SAMIRA**

**TI - TF:** Esses grupos extremistas, eles agem de uma forma bastante organizada, sobretudo nas redes sociais e contra mulheres jornalistas. É um modus operandi da extrema-direita que se

utiliza das redes para primeiro tentar silenciar os jornalistas na base das ameaças. Só que o problema é que toda essa violência e esse discurso de ódio principalmente contra mulheres jornalistas, não pelo seu trabalho, mas pela sua aparência, pela sua condição de mulher, pelo seu gênero, pela sua sexualidade, até pela sua raça e etnia, acaba de uma certa forma extrapolando esse ambiente das redes sociais. São ataques coordenados, são ataques massivos, muitas vezes se utilizando de perfis inautênticos, mas que sempre têm uma palavra-chave ou uma chancela da autoridade, ou do ex-presidente naquelas ocasiões, ou dos seus filhos políticos, dos seus ministros, dos seus secretários de Estado. Enfim, é sempre um ataque que é coordenado a partir desses principais influenciadores que são agentes políticos e que são agentes públicos, que deveriam, na verdade, proteger o trabalho dos jornalistas.

### **TEC: RODAR SONORA DA MARIA JOSÉ BRAGA**

**TI - TF:** Os grupos extremistas, eles são movidos por emoções. E ao serem movidos por emoções, ao não praticarem o que é uma faculdade inerente ao ser humano, que é a racionalidade, eles acabam exacerbando essas emoções em atitudes agressivas. E essas atitudes agressivas podem ser de violência física, mas também podem ser de violência de outra ordem, como as violências verbais, incluindo os ataques virtuais.

Eles têm contribuído muito para o crescimento da violência no Brasil e, volto a dizer, foram incentivados nos últimos quatro anos pelo então presidente da república, que era o líder desses grupos extremistas. Então eles contribuem na medida em que colocam os seus sentimentos acima inclusive da verdade dos fatos e exacerbam essas emoções, agredindo quem eles acham que discorda deles e que, portanto, está errado, porque para os extremistas, discordar significa estar errado, se tornar um inimigo e, portanto, ser combativo. Eles têm contribuído enormemente para o crescimento da violência online.

E essa violência é mais difícil de dimensionar, porque muitas vezes mesmo os profissionais da imprensa minimizam essa violência, não denunciam, não buscam responsabilizar quem está agredindo. Então é um fenômeno bastante preocupante, porque parece que por trás da tecnologia, as pessoas perdem o rosto, não são identificadas. E também há uma, vamos dizer assim, normalização da violência por trás da tecnologia como se ela fosse menor. Mas não é, ela tem muitas consequências e os agressores precisam ser identificados e responsabilizados.

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** A VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS NO BRASIL NÃO É APENAS UM PROBLEMA DE SEGURANÇA INDIVIDUAL, MAS TAMBÉM UMA QUESTÃO DE RESPONSABILIDADE INSTITUCIONAL. / ? COMO FORAM TRATADOS ESTES CASOS PELAS AUTORIDADES E PELA MÍDIA? //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** A PRESIDENTE DA FENAJ, SAMIRA DE CASTRO, COMENTA A POSTURA DA MÍDIA NESSES ÚLTIMOS ANOS EM RELAÇÃO AOS CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA OS SEUS PROFISSIONAIS. //

**TEC: RODAR ÁUDIO DA SAMIRA**

**TI - TF:** Olha, a mídia denunciou, sim, a mídia, de certa forma, as empresas jornalísticas tradicionais que costumam esconder os casos de violência que os seus jornalistas sofrem,

ajudaram a divulgar nos últimos quatro anos essa que foi uma realidade bastante complicada, porque essa realidade também atingiu os próprios veículos. Não atingia só o profissional, mas os próprios veículos de mídia passaram a ser atacados e a instituição imprensa foi atacada massivamente. Ao descredibilizar o trabalho dos jornalistas, conseqüentemente, esses atores políticos passaram a também descredibilizar a instituição imprensa.

Então, esses veículos deram ampla cobertura, veículos da mídia independente alternativa. A Federação Nacional dos Jornalistas lança anualmente o seu relatório. Esse relatório foi repercutido, ele ainda é repercutido, né? A gente lança em janeiro, mas ele passa o ano inteiro repercutindo. Em toda a vida que se relembra um caso de violência, o que acontece, uma nova violência, esses dados são resgatados. E a gente acha que essa repercussão ajuda a sociedade a compreender, de certa forma, que esses ataques acabam prejudicando o próprio direito que essa sociedade tem de ser informada.

**NARRACÃO:** DO LADO DAS AUTORIDADES, A SITUAÇÃO É IGUALMENTE PREOCUPANTE. / COM UMA MOROSIDADE JUDICIAL SIGNIFICATIVA E UMA FALTA DE ATENÇÃO POR PARTE DO ESTADO, MUITOS CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS PERMANECEM SEM RESOLUÇÃO. / ATÉ MESMO MEMBROS DO PODER JUDICIÁRIO, QUE DEVERIAM SER GUARDIÕES DA JUSTIÇA, ÀS VEZES COMETEM ATOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A IMPRENSA, SEJA POR CENSURA OU INTIMIDAÇÃO JUDICIAL, COMO REFORÇA A JORNALISTA MARIA JOSÉ BRAGA, QUE TAMBÉM COMENTA O PAPEL DOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO EM CASOS DE VIOLÊNCIA. //

**TEC: RODAR SONORA DA MARIA BRAGA**

**TI - TF:** Infelizmente, a Federação Nacional dos Jornalistas e outras organizações da sociedade civil são as que denunciam a violência contra jornalistas e as que buscam apoiar os profissionais. Infelizmente Os veículos de comunicação, inclusive os que são atacados e os que têm profissionais atacados, eles nem mesmo costumam noticiar essa violência como forma de alertar a sociedade, como forma de cobrar das autoridades providências para que os profissionais não sejam vitimados.

Então há por parte dos veículos de mídia, principalmente os grandes veículos, um silêncio sobre a violência que atinge os profissionais jornalistas. E infelizmente por parte do Estado brasileiro, ou seja, dos governos, dos poderes constituídos e principalmente do poder judiciário, há aí, no mínimo uma desatenção com a violência que atinge os profissionais da imprensa. Os inquéritos policiais muitas vezes não dão em nada, e mesmo quando dão, no processo do judiciário, há uma morosidade muito grande e os responsáveis acabam não sendo responsabilizados. E há ainda um agravante maior que os próprios integrantes do poder judiciário muitas vezes também cometem atos de violência contra jornalistas por meio da censura judicial, por meio da intimidação judicial.

### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** UM DOS FATORES QUE MAIS CONTRIBUÍRAM PARA A HOSTILIDADE CONTRA JORNALISTAS NO BRASIL É A CRESCENTE POLARIZAÇÃO DA SOCIEDADE. / ESTA DIVISÃO TEM LEVADO A UMA VISÃO ANTAGONISTA DE ALGUNS GRUPOS EM RELAÇÃO À IMPRENSA, / ONDE OS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO SÃO FREQUENTEMENTE VISTOS COMO ALIADOS OU INIMIGOS, / DEPENDENDO DE SUAS LINHAS EDITORIAIS E POSICIONAMENTOS POLÍTICOS. //

**NARRAÇÃO:** O PESQUISADOR E PROFESSOR DE SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, FLÁVIO SOFIATI, EXPLICA COMO ESSA VISÃO SIMPLIFICADA E BIPOLARIZADA CONTRIBUI PARA QUE A IMPRENSA SE TORNE ALVO DE ATAQUES, / ESPECIALMENTE POR GRUPOS EXTREMISTAS QUE TÊM DIFICULDADE EM DIALOGAR COM OPINIÕES DIVERGENTES. / O SOCIÓLOGO TAMBÉM ABORDA COMO O PAPEL DA IMPRENSA, EM QUESTIONAR E INVESTIGAR, PODE SER MAL INTERPRETADO POR AQUELES QUE VEEM QUALQUER FORMA DE CRÍTICA COMO UMA AMEAÇA ÀS SUAS IDEIAS. //

**TEC:RODAR ÁUDIO DO FLÁVIO SOFIATI**

**TI - TF:** Quando você tem essa visão mais simplificada, você vai identificar os seus parceiros e os seus inimigos.

**TI - TF:** As ideias extremistas, os grupos extremistas, têm muita dificuldade de dialogar com o diferente, de aceitar a negociação, o diálogo, que é típico da democracia. Por mais fragilizada que ela seja, que é o caso brasileiro, a gente vive sob a égide de uma democracia, democracia que diria fragilizada mas que ainda é democracia, ainda a gente ainda tem direito de votar, por exemplo, nos nossos representantes. Os extremistas, eles não aceitam essa possibilidade de diálogo. Eles aceitam aqueles que assumem o pacote inteiro das ideias e repelem aqueles que fazem questionamento, mesmo que não estão diretamente discordando, mas pelo menos questionando, e a imprensa faz isso. A imprensa, inclusive, o papel dela é questionar ou seja, participou nas ideias, né, no sentido de ter, enfim, um relato fiel do que são aquelas ideias. E nem sempre o extremista tem condições de defender essas ideias. Então isso acaba também gerando essa situação.

**NARRAÇÃO:** O PROFESSOR FLÁVIO SOFIATI ANALISA TAMBÉM O PAPEL DOS JORNALISTAS NA SOCIEDADE E COMO SUA FUNÇÃO DE APRESENTAR UMA VISÃO COMPLEXA DA REALIDADE ENTRA EM CONFLITO COM AS VISÕES SIMPLISTAS E EXTREMISTAS. //

**TEC: RODAR SONORA DO FLÁVIO SOFIATI**

**TI - TF:** O papel do jornalista é, enfim, relatar a realidade social na qual ele está ali cobrindo. Muitas vezes, esse grupo extremista, por oferecer uma abordagem muito simplista da realidade, mais global, mais integrada, acaba entrando em confronto com essas ideias mais simplistas que esses grupos extremistas têm da realidade. Muitas vezes eles trabalham com a noção de bem e mal, do inimigo e aliado, do certo e do errado, e nem sempre assim. De nuances da realidade social, elas vão para além dessas ideias de sagrado e profano, de direito, de errado, de correto, de dever e de obrigação. E tudo isso acaba, do meu ponto de vista, confrontando a função do jornalista, que é de fato apresentar uma visão mais complexa da realidade nos canais de comunicação.

**NARRAÇÃO:** O SOCIÓLOGO ABORDA AINDA A INFLUÊNCIA DAS MUDANÇAS POLÍTICAS RECENTES NO BRASIL, / PARTICULARMENTE COMO O EMPODERAMENTO DESTES GRUPOS EXTREMISTAS FOI IMPULSIONADO POR CERTAS PERSPECTIVAS POLÍTICAS E COMO ISSO SE RELACIONA COM ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS BRASILEIROS. //

**TEC: RODAR SONORA DO FLÁVIO SOFIATI**

**TI - TF:** Esses grupos foram empoderados por uma perspectiva política que ganhou as eleições em 2018, mas eles não passaram a existir nesse momento, eles passaram a ter um pouco mais de legitimidade do Estado, muitas vezes referendado pela visão extremista do presidente da República. Então, o presidente da República, falando aqui de Bolsonaro, que era presidente de 2018, no Brasil, e que acabou referendando muitas dessas ideias extremistas, inclusive de confronto com a imprensa, de desrespeito com o profissional da comunicação do país. Então, esse processo acho que ele se retroalimentou. Ele teve o apoio do próprio governo brasileiro, no termo de momento, mas tem também o apoio de um segmento da sociedade que acaba entendendo que essa visão mais simplificada da realidade, de uma lógica de que nós vamos resolver os problemas exacerbando a perspectiva da individualidade, que é uma perspectiva do meu ponto de vista, no sistema capitalista, nessa lógica do extremismo, que é a luta pelo direito de garantir a diferença e a desigualdade. Então, isso passa por essa lógica. Que é referendado também numa perspectiva, numa característica histórica de um segmento social brasileiro, estou me referindo aqui, por exemplo, à classe média, que aprendeu historicamente a lutar por privilégios em detrimento da luta por direitos. A luta por direitos envolve luta coletiva, a luta por privilégios envolve a luta por aquilo que me interessa no particular, por aquilo que interessa ao meu grupo específico tem se preocupar muito com o bem comum da sociedade como um todo.

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** UM PONTO CRUCIAL NA DISCUSSÃO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS É A EXPERIÊNCIA PESSOAL DOS PROFISSIONAIS AO COBRIR



TEMAS POLÊMICOS OU SENSÍVEIS. / ? COMO ESSA HOSTILIZAÇÃO AFETA DIRETAMENTE OS JORNALISTAS NO EXERCÍCIO DE SUAS FUNÇÕES? //

**NARRAÇÃO:** A EDITORA EXECUTIVA DO JORNAL O POPULAR, SILVANA BITTENCOURT, E A CHEFE DE REPORTAGEM DA RÁDIO C-B-N GOIÂNIA, ALDENNE LOPES, COMPARTILHAM SUAS EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES SOBRE O IMPACTO DESSA HOSTILIDADE NO TRABALHO JORNALÍSTICO. / ELAS APONTAM AINDA OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR PROFISSIONAIS QUE LIDAM COM TEMAS CONTROVERSOS. //

**TEC: RODAR ÁUDIO DA SILVANA**

**TI - TF:** Olha, reações, ameaças veladas a gente recebe sempre, a gente está sempre sujeito a isso. Ameaça direta, eu particularmente não, mas pessoas da minha equipe já receberam. A gente teve agora recentemente um episódio, agora bem, está acontecendo nesse momento, um episódio em que o desembargador questionou a questão da militarização da polícia.

Esse é um debate que vem acontecendo já há décadas no Brasil. E por esse fato, ele acabou sendo muito muito combatido, muito agredido nas redes. E acabou que inclusive nós do jornal acabamos também sendo muito atacados até mesmo por policiais, por oficiais da polícia militar que entenderam a simples cobertura do fato como uma posição que poderia ser contrária à existência da Polícia Militar. Na verdade, esse é um debate que poderia ser feito com tranquilidade, com serenidade, mas que a gente encontra muita dificuldade. A gente percebe que existe uma resistência muito grande para a discussão, até para, como eu disse, para a colocação do contraditório.

**TEC: RODAR SONORA DA ALDENE LOPES**

**TI - TF:** Quando eu era produtora de esporte, há muito tempo, trabalhei com o jornalista Valério Luiz. Durante críticas que ele fez ao Atlético Goianiense, pelo menos é o que é apontado e condenado na justiça, essas críticas teriam provocado uma reação da diretoria do Atlético à época, ocasionando na morte dele, possivelmente a mando de um diretor desse clube. A partir disso, tive essa experiência precoce de violência contra o jornalismo.

Terminando a faculdade, passei por isso ao longo da minha trajetória. Já são pelo menos dez anos na rádio CBN, onde fiz estágio, assim como na PUC TV. //

**NARRAÇÃO:** ALDENE RELATA AINDA O CENÁRIO DA VIOLÊNCIA NOS ÚLTIMOS QUATRO ANOS. //

**TEC: RODAR SONORA DA ALDENE LOPES**

**TI - TF:** Nos últimos quatro anos, tivemos ataques diretos à imprensa, principalmente ao grupo Globo, por conta de posicionamento político. Estes ataques vinham, inclusive, de um ex-presidente da República, na época em que ele era presidente, e isso se reverberou na sociedade, em seguidores, apoiadores e pessoas que se alinhavam ao pensamento desse político. Esse boicote à imprensa foi muito custoso para nós no dia a dia, pois só estávamos ligando para encontrar uma informação.

No meio do nosso trabalho, dessas apurações, esses ataques gratuitos aconteciam sem estarem relacionados à pauta que estávamos trabalhando. Então, sair na rua para fazer uma pauta e ter

que esconder o crachá, acompanhar uma manifestação sem uma canopla ou ir para um evento com cunho político e precisar de segurança ao seu lado.

Como chefe de reportagem da CBN, em vários momentos, durante essa cobertura, foi necessário realizar reuniões de editoria com outros veículos do grupo Jaime Câmara. Nós nos posicionávamos: 'O repórter vai cobrir tal pauta, mas não estará usando crachá nem canopla. Se é um jornalista conhecido do público, não. Vai alguém que não é conhecido para evitar identificação imediata na pauta e a cobertura será com segurança do lado'.

**NARRAÇÃO:** A JORNALISTA RELEMBRA VIOLÊNCIAS SOFRIDAS DURANTE SEU TRABALHO. //

**TI - TF:** Já pensou precisar tomar esses cuidados para cobrir uma simples manifestação de ideologia ou de busca de discussão? Já tive situações complicadas, por exemplo, numa cobertura de eleição em que a repórter foi cobrir o vitorioso dessa eleição e foi proibida de chegar perto do prédio dessa pessoa onde acontecia a comemoração da vitória eleitoral, foi xingada na rua por causa da viatura da rádio. Precisou sair correndo para evitar a agressão, pois as ofensas verbais já tinham ocorrido. Esses quatro anos, com Bolsonaro presidente, foram muito complicados por conta das ideologias, dos ataques diretos à imprensa e, de forma generalizada, ao jornalista.

**NARRAÇÃO:** A CHEFE DE REPORTAGEM DA C-B-N GOIÂNIA FAZ UM DESABAFO.

//

**TEC: RODAR SONORA DA ALDENE LOPES**

**TI - TF:** Não, estou apenas apurando a notícia, fazendo o papel da imprensa que é fiscalizar. Saber se o político está fazendo o trabalho dele, se a verba pública está sendo aplicada corretamente, se não há corrupção naquele governo, e não importa se é A, B, C. Não importa quem está no poder, nosso trabalho é acompanhar o que está sendo feito, cobrar o que foi prometido durante as campanhas e levar ao ouvinte a informação mais precisa, ouvindo todos os lados, mas muitas vezes isso não foi possível.

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** NOS ÚLTIMOS ANOS, FICOU EVIDENTE UM ESFORÇO COORDENADO PARA DESCREDIBILIZAR A IMPRENSA, / ESPECIALMENTE NO CONTEXTO DAS REDES SOCIAIS, ONDE A VERACIDADE E A QUALIDADE DA INFORMAÇÃO FREQUENTEMENTE SÃO POSTAS EM DÚVIDA. //

**NARRAÇÃO:** AS JORNALISTAS SILVANA BITTENCOURT E ALDENNE LOPES COMENTAM ESSA REALIDADE, / COMPARTILHANDO SUAS PERSPECTIVAS SOBRE A CAMPANHA PARA DESACREDITAR VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO TRADICIONAIS. / ELAS ABORDAM AINDA COMO ESSA ESTRATÉGIA TEM IMPACTADO A AUDIÊNCIA E A CONFIANÇA DO PÚBLICO NA MÍDIA. //

**TEC: RODAR SONORA DA SILVANA**

**TI - TF:** Acho sim que é evidente que tem um interesse de determinados grupos em que as redes sociais sejam vistas como a fonte mais confiável de notícias. O que é absurdo. Não existe nenhum tipo de curadoria ali sobre qualidade e sobre veracidade. E a gente vê certamente que

existe uma coordenação para isso. A gente viu claramente em alguns momentos isso acontecendo com a tentativa de desacreditar veículos tradicionais e veículos que simplesmente pelo fato desses veículos estarem fazendo seu trabalho, um trabalho crítico, de fiscalização do poder público, de vigilância da democracia, dos valores da democracia passou aí por momentos bastante difíceis.

### **TEC: RODAR SONORA DA ALDENNE**

**TI - TF:** A campanha encabeçada pelo Especial Jair Bolsonaro contra a própria Globo foi muito forte, né? E houve, sim, uma evasão de audiência por conta dessa mobilização que ele fez, né? São pessoas que são os seguidores e aí a gente vai para aquela questão da doutrinação, né, de você acreditar demais naquilo que aquela pessoa está falando, não é porque ela fala a verdade e a Globo lixo e a Globo mentirosa não aceitam jornal, é tudo mentira. E aí a partir dessa sementinha que foi sendo plantada, disseminada em massa através das redes sociais, impactou sim na audiência, impactou sim na evasão dessas pessoas, desses veículos sobretudo ligados ao grupo Globo. E isso foi ruim, né, pra imprensa de uma forma geral, mas sobretudo pra esse que é ainda o veículo de comunicação com maior audiência no Brasil, né. Muita gente que não tem acesso à internet ou ao canal fechado, tudo isso ainda detém suas informações a partir do jornal, daquela edição, da rádio, que são veículos mais baratos de se consumir, mas que foi desacreditado ao longo dos anos por conta dessa campanha contra a Globo.

### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** OUTRA QUESTÃO A SER OBSERVADA É O PAPEL DAS REDES SOCIAIS. / ? COMO ESSAS PLATAFORMAS INFLUENCIAM E AMPLIFICAM A

VIOLÊNCIA CONTRA OS PROFISSIONAIS DA MÍDIA? / UM AMBIENTE TAMBÉM UTILIZADO NA PROPAGAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO. //

**NARRAÇÃO:** SILVANA BITTENCOURT E ALDENNE LOPES DISCUTEM COMO AS REDES SOCIAIS TORNARAM-SE UM "RINGUE" ONDE O ÓDIO E A INTOLERÂNCIA SÃO DISSEMINADOS SEM FREIOS. / AO MESMO TEMPO EM QUE POTENCIALIZAM O PODER DA COMUNICAÇÃO, ESSES ESPAÇOS TAMBÉM AUMENTAM A DIFICULDADE DE COMBATER A DESINFORMAÇÃO. //

**TEC: RODAR SONORA DA SILVANA**

**TI - TF:** As redes sociais, o que a gente percebe é que com a determinação do uso de redes ao mesmo tempo que existiu uma democratização. Do acesso a essas plataformas e da possibilidade das pessoas emitirem sua opinião, ao mesmo tempo criou-se uma espécie de um ringue, um campo de guerra em que as pessoas exercem o ódio sem regras e isso acaba tendo um efeito muito nocivo na sociedade, acaba criando a gente vê aí, criando a desinformação, espalhando a desinformação. É diferente do que tenta fazer a imprensa responsável, a imprensa que trabalha com foco na qualidade, na ética. E isso acaba se transformando realmente num campo de batalha para disseminar o ódio e a intolerância.

**TEC: RODAR SONORA DA ALDENNE**

**TI - TF:** A rede social é fantástica, ela veio para potencializar o nosso poder de comunicação, não tem como negar a importância dela. Como ela transformou o modo de levar notícias às

peessoas. Mas nem tudo é positivo. A gente vê o uso das redes sociais para a desinformação. Foi algo que a gente sofreu muito nos últimos anos.

Esse trabalho de combate a fake news. Porque além de checar e levar a informação, a gente teve que fazer a re Checagem, porque muita coisa estava postada. Ser usado em várias redes sociais e fora de contexto, tudo descortado, com sonoras modificadas e o nosso trabalho, eu até digo que nos últimos anos ele foi dobrado porque além de levar informação a gente teve que falar olha gente essa notícia é mentira, esse vídeo que está circulando é falso, então do mesmo modo que ele veio para melhorar o nosso poder de comunicação.

Ele trouxe também esses vários vieses negativos inclusive a rede social foi usada em massa durante as campanhas para disseminar essas fake news a modo de impactar o eleitor aquele eleitor que não é cuidadoso é que não é criterioso em relação nossa essa notícia chegou para mim mas deixa eu ver se ela é verdadeira. Deixa eu dar uma olhada aqui nos jornais oficiais do país Se eles estão também publicando isso, ou isso é só um vídeo que está circulando na internet, sem nenhum tipo de verificação de que é verdadeiro ou não. E muitas vezes, isso foi muito trabalhoso, né? Foi muito danoso para a notícia, foi muito danoso para a comunicação no país, e até hoje a gente tem que lidar com um monte de coisa. E as pessoas passaram a acreditar em tudo que chegava para elas em redes sociais, WhatsApp, Instagram, Facebook, tenham o tipo de verificação e tomavam aquela notícia como verdade e pior, propagavam, mandavam para mais pessoas. E a gente tem uma cultura agora muito forte das pessoas não buscarem os veículos de comunicação oficiais. E acreditar em tudo que eu recebo nas redes sociais.

### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** É IMPORTANTE RESSALTA QUE A VIOLÊNCIA CONTRA A IMPRENSA E SEUS PROFISSIONAIS NO BRASIL É INTRINSECA À PRÓPRIA

HISTÓRIA DO PAÍS. / IMPRENSA QUE É CRUCIAL NA DEFESA DA DEMOCRACIA E NA MANUTENÇÃO DA TRANSPARÊNCIA E RESPONSABILIDADE DO ESTADO E SEUS INSTÂNCIAS. / POR ISSO, DISCUTIR O PAPEL DO JORNALISMO EM UMA SOCIEDADE DIVIDIDA E POLARIZADA É TÃO IMPORTANTE, ASSIM COMO COMBATER A VIOLÊNCIA CONTRA SEUS PROFISSIONAIS. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** ESTE DOCUMENTÁRIO, RESULTADO DA DISCIPLINA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO, PARA GRADUAÇÃO EM JORNALISMO NA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, É UMA HOMENAGEM A TODOS OS PROFISSIONAIS QUE DIARIAMENTE TRABALHAM NA PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE INFORMAÇÃO. / A COORDENAÇÃO DESSE PROJETO EXPERIMENTAL É DA PROFESSORA DENIZE DAUDT BANDEIRA. / A TÉCNICA É DO JORNALISTA NILSON RIBEIRO FILHO. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**





PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO  
INSTITUCIONAL  
Av. Universitária, 1009 | Setor Universitário  
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010  
Goiânia | Goiás | Brasil  
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)  
3946.3080  
www.pucgoias.edu.br | prodir@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO nº 038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Isabela Campos Branco  
do Curso de Journalismo, matrícula 20201012100878,  
telefone: [REDACTED] e-mail: [REDACTED], na  
qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos  
Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a  
disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado  
Imprensa no Rio: Vitória Contra Jornalistas no Brasil

gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme  
permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato  
especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND);  
Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou  
impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de  
graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 04 de dezembro de 2023.

Assinatura do(s) autor(es): Isabela

Nome completo do autor: Isabela Campos Branco

Assinatura do professor-orientador: [Signature]

Nome completo do professor-orientador: Denize Daudt Bandeira

